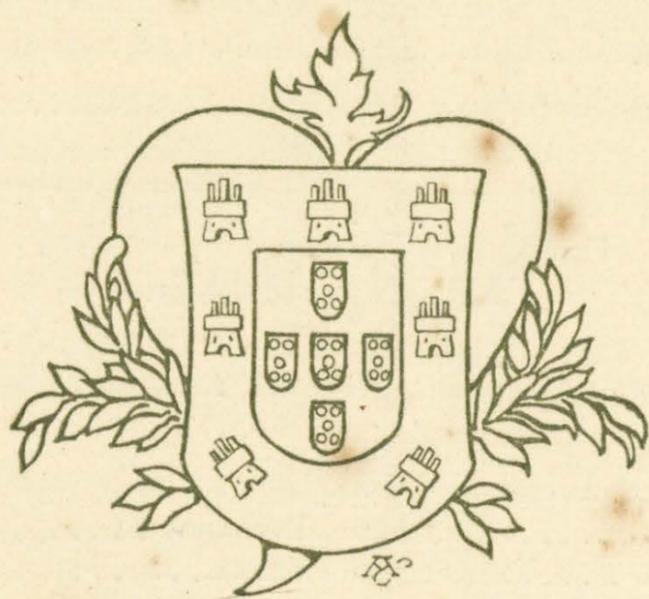


# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA



LISBOA

Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.

MCM XVI

# SUMARIO

N.º 12 — JANEIRO DE 1917

	Pag.
Do Alemtejo — I — A Feira de Castro Verde — <i>D. Sebastião Pessanha</i> (com ilustrações de <i>Alberto Sousa</i> ) .....	161
Reiseiros da Maia — <i>Severo Portela</i> .....	164
O templo romano de Sant'Ana do Campo (Arraiólos) — <i>Dr. Vergilio Correia</i> ..	167
Rendas portuguesas (continuado de pag. 36) — <i>D. Ana de Castro Osorio</i> ..	171
Gravura popular portuguesa (continuado de pag. 90) — <i>M. Cardoso Martha</i> ..	173
Historia d'um falso — <i>Dr. A. Mesquita de Figueiredo</i> .....	182
Notas: A secção de etnografia da Associação dos Arqueologos.....	183
Arte rustica de Evoramonte — <i>A. M. do C.</i> .....	184
Gravuras do «dolmen» da Pedra dos Mouros (Belas) — <i>V. C.</i> .....	185
A proposito da «Arte rupestre gallego y portugués» do Sr. Juan Ca- bré Aguiló — <i>V. C.</i> .....	186
Protecção ás velhas casas typicas de Lisboa — <i>R. D.</i> .....	189
Cronica: Casa portuguesa, Livros, Exposições de aguarela, de fotografia e de assuntos regionaes (Arte no Lar).....	190

## ASSINATURAS

(Pagamento adeantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL .....	1\$20	ESTRANGEIRO .....	7 frs.
AFRICA E INDIA.....	1\$40	BRAZIL.....	7\$00

**Numero especial: preço avulso \$20**

IMPRA  
- ABR. 1957

# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO :

VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO :

D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO :

ALBERTO SOUZA

ANNO 1.<sup>o</sup> — N.<sup>o</sup> 12

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Rodrigo da Fonseca, 3. P. — Lisboa  
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

JANEIRO DE 1917



## DO ALEMTEJO

I

### A FEIRA DE CASTRO VERDE



E entre as feiras do Alemtejo, a de Castro, no terceiro domingo de Outubro, occupa sem favor o primeiro logar, pois nem a do São João, em Evora, lhe ganha em concorrência.

Recostada no declive suave de uma ondulação da campina baixo-alemtejana, a villa de Castro Verde gosa de situação privilegiada, dez leguas ao sul de Beja e perto já dos *serros* algarvios.

Em sua volta, estende-se, a perder de vista, a planície sem fim, tão estranha de paisagem, onde todas as côres — os verdes da vegetação e os vermelho-rôxos do solo barrento — se fundem, esbatendo-se em tons tenuissimos, como num quadro de Columbano.

Por ocasião da feira, o burgozinho rejuvenesce, caia a casaria, em que repinta as barras de azul, e comporta, a transbordar, a população em peso dêsse campo immenso que, do Guadiana, vai até para lá do Mira.

As ruelas regorgitam de gente, os patins das estalagens enchem-se de bestas e, no campo da feira, uma multidão compacta agita-se, canta e dança, palpitante de vida e soberba de colorido.

Em grupos, discutem-se animadamente a compra ou venda duma mula, ou dum varasco, e os preços elevados dalguns generos.

Embrenhados por entre a gente, fica-se-nos o olhar em quadrozinhas da vida regional, com que deparamos a cada passo: Vinda das cercanias, uma familia percorre a feira, a mostrar seus fatos domingueiros, fóra da moda, o mulherio discutindo o córte de certa blusa, vista na barraca dum fanqueiro de Evora, e os fedelhos apeteendo, gulosos, os doces empoeirados dos açafates das *boleiras*.

## DO ALEMTEJO

Uma velhota, dobrada pelos annos e de cabellos alvos, rosto comprido e enrugado, saia e casaco còr de pinhão, já no fio, e chapéu sobre o lenço, uma dessas velhinhas que só o Alemtejo ainda conserva, como reliquias, apreça uma arca de ferrolho batido, talvez para guardar o bragal de linho grosseiro — unico bem que legará aos seus.

Um casal da região, typos do sul, deixando transparecer meia abastança, conduz pela arreata o macho — de ceirões de esparto, retesados pela carga, jaez á alemtejana e colcha de Santa Clara, azul ferrête, a cobrir-lhe a garupa — que, das bandas d'Almodovar, os trouxe á feira.

Sob um toldo de grossaria usado, que duas ripas de pinho só

por milagre mantêm de pé, installou-se, com o fito de attrahir mais farta concorrência, a loja improvisada dum barbeiro local.

Dois caixotes cobertos de toalhas, em ar de mesas, e duas cadeiras de tabúa, já carunchosas, constituem todo o mobiliario do *estabelecimento*, junto do qual larga clientela, por escanhoar, aguarda pacientemente a vez.

Mais além, junto ao gado, um *moiral* tem em respeito uma manada de novilhos irrequietos — o corpo curvado sobre o *boieiro* de azinho, a tez queimada pelos soes ardentes dos estios, calça de burel, *samarra* e *safões* de pelle de ovelha, polainas de coiro, estame nha ao hombro e enorme chapelão preto, de abas reviradas, desbotado pelo tempo.

A' feira de Castro, nem só concorrem os productos regionaes, mas egualmente os de todo o Alemtejo e do Algarve:

São chocalhos das Alcaçovas, de todos os tamanhos, cujo som quebra o silencio dos valles de pastagem; trempes; grelhas; tenazes; ferrolhos; aldravas e toda a sorte de ferragens forjadas, ainda em voga, de mistura com relhas, sacholas, roçadoiras e outros instrumentos da lavoura.

A' sombra da lona das barracas, arreios á alemtejana, enfeitados com côres berrantes; xaireis de pelle de cabra ou de raposa; estribos de nogueira, chapeados de latão; loiçaria de cobre e de arame, com seus tachos enormes, para as *migas* dos *ganhões*, cafeteiras estanhadas, brazeiras e candieiros de tres bicos.

Mais além, o mobiliario de Evora, affirmando a arte espontanea dos pintores cadeireiros, e o de Monchique, de bom castanho, com uma infinidade de arcas, mesas, portas, cantareiras, taboleiros e taboas de tender.

A um canto da feira, a loiça de barro vermelho de Be-



FIG. 1 — RAPARIGA D' ALMO-  
DOVAR



FIG. 2 — MULHER DO «CAMPO-  
BRANCO»



FIG. 3 — «MOIRAL»

## DO ALEMTEJO

ringel, mostrando as fôrmas airosas das quartas, infusas, tigelas e cangirões, e os potes e *taréfas pêsgadas*, de Reguengos, em que se curtem azeitonas e se guarda o porco de salmoira.

Alinhadas nas ruelas mais movimentadas, as tecedeiras procuram compradores ás mantas-estamenhas, de riscas brancas, que usam os *moiraes* e os *ajudas*, e aos alforges rebordados de baeta vermelha ou carmezim.

Aqui e alli, cestões enormes, de vime, carregados de romãs, nozes, castanhas de Portalegre, peros e maçãs de espelho.

Em alegre mostruario regional, o Algarve exhibe tambem os seus productos: cordoaria de esparto, esteiras e alcofas de palma, ceirinhas pintadas e bordadas, figo, amendoa e alfarroba.

Um violeiro de Beja dá os ultimos retoques numa viola em fôrma de 8, do typo baixo-alemtejano, feita para acompanhar tristes canções do sul, enquanto, ao lado, uma velhota,



FIG. 4 — «GANHÃO»

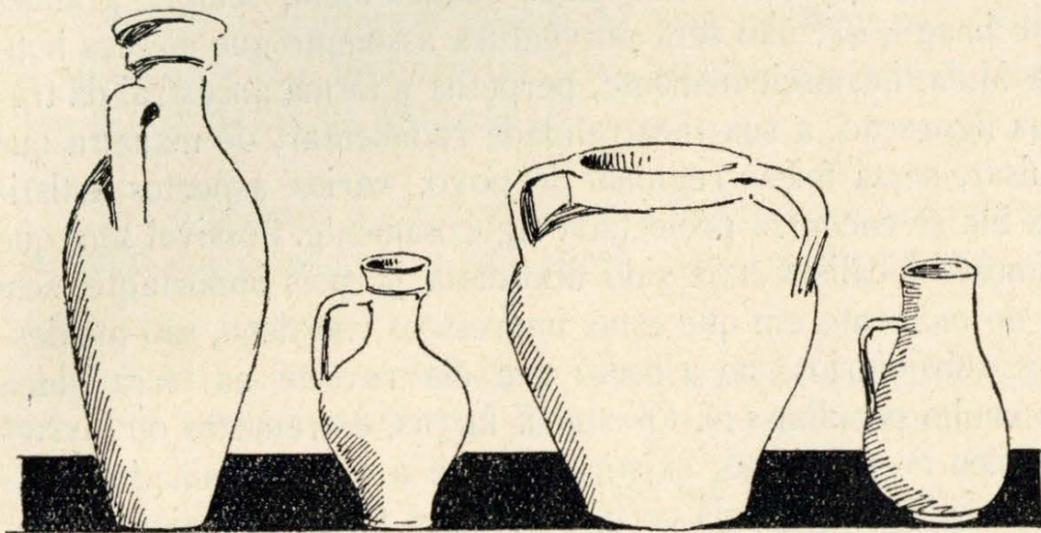


FIG. 5 — «QUARTA», «INFUSA», «POTE» E «CAFETEIRA»

curvada sobre o sacco de estôpa, vende cardo para coalho, ainda com o cheiro intenso do mato.

Abafados pela vozearia, mal se ouvem os pregões das vendedeiras ambulantes e o grito estridente d'um rapazito:

— Oh freguez, merca pão! Quem merca pão?!

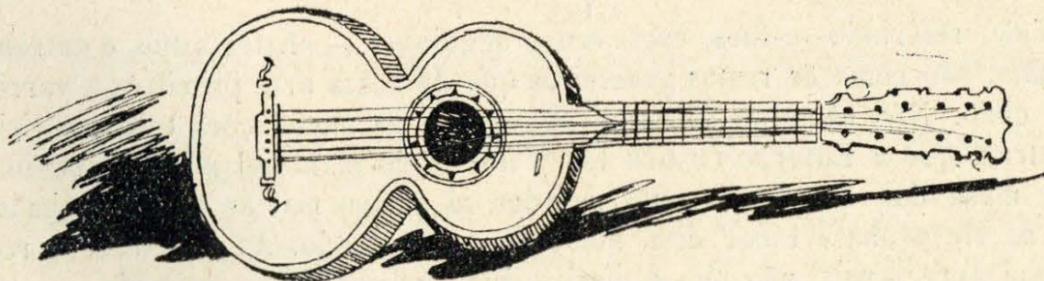
Já de volta, campina fóra, breve se apagam os ultimos vestigios da feira.

Na charneca, ao cair dessa tarde de outomro, tudo é quietação e recolhimento...

Novembro de 1914.

(Desenhos de Alberto Sousa).

D. SEBASTIÃO PESSANHA.



## REISEIROS DA MAIA



MA das sobrevivencias menos adulteradas do theatro primitivo na Peninsula (e notadamente em Portugal) é aquella que ainda hoje os reiseiros da Maia mantêm com certo aparato mui digno de ser considerado. Representar do cimo dum carro de bois do qual houvessem levado os fueiros, do alto de um tablado de pinho ainda rescendente á verde resina, na eira ou no adro, um entremez ou um mysterio, cujo auctor não é já o que os arremessou a lume em folhetos de cordel, a se mercar por feiras e arraiaes, mas sim a tradição oral colaborando pelas edades alem, sempre grandemente imaginosa, não será porventura assumpto que mereça honras de tratar-se? O reiseiro da Maia, inconscientemente, perpetúa a fórma ancestral da tragedia, com os seus córos, a sua figuração, a sua theatralidade rudimentar, de maneira que ainda agora nos é dado pesquisar, nessa feição regional do povo, varios aspectos artisticos, sobre os quaes nem toda a luz se encontra projectada rigorosamente. Possivel será que uma tal manifestação de sentimento localista haja sido abordada já, pois importante, sem duvida alguma, ela é; todavia, no momento em que estas impressões coordeno, são-me desconhecidos quaesquer trabalhos subsidiarios, no aspecto que ela reveste na terra aldeã onde se mantem com todo um cunho peculiar (1). Os autos, farças, entremezes ou mysterios dos pateos, em dias de jubileu ou procissão, existiram norte a sul disseminados, restando deles, como é comumente sabido, memoria certa e comento fixo, sob maior ou menor imparcialidade, consoante a penna que na historia literaria os inscreveu uma vez. Entretanto, não pertencem por parentesco algum a esse grupo desaparecido os reiseiros maiatos, que, atravessando seculos de nobre existencia, persistem em nossos dias, pela graça nativa com que surgiram a contar-nos, num recital ingenuo, o nascimento do Menino, a degolação dos Innocentes, a prisão de S. João Baptista, o exodo da Senhora para o Egipto...

A meu vêr, uma distancia sem fim vai do entremez, farça ou mysterio que a Igreja interdissse, pela licenciosidade em que descambaram, ao auto, mysterio ou entremez de que a Maia continua a guardar o segredo da exhibição caracteristica, por ocasião de solemnida-

---

(1) Julio Diniz, referindo-se-lhes, escreveu o seguinte: — «Estes autos e entremezes, que nas aldeias se representam, são como os restos grosseiros que da nossa arte primitiva a varredora estrangeira deixou ficar pelo chão. Não obstante as extravagancias e as modelações toscas e risiveis de muitos, é certo que nos mostram que a Euterpe rustica tem conservado mais fiel a indole peninsular, do que sua irmã, a civilisada musa das cidades, a cujo paladar já sabem mal as popularissimas redondilhas, tão apreciadas ainda na Hespanha.» Ficou dito, mas não demonstrado. As palavras do romancista, se bem que para o caso mui apreciaveis, não têm o merito duma afirmativa — provada.

## REISEIROS DA MAIA

des, tanto religiosas como profanas (1). Com certeza não é aos reiseiros da Maia reportando-se que o snr. Theofilo Braga exclama verberativo, de alto erguendo a sua fêrula de decurião das letras indigenas: — «Este povo entristecido pelo queimadeiro, embrutecido pelo cesarismo, ficou sem festas nacionaes, e por distracção tem alguns pobres Autos de vida de Santos, que ele declama em melopêa lugubre, sobre um estrado de carros, no adro das egrejas.» (2) A representação do reiseiro da Maia, a pretender filiar-se em qualquer das fórmulas de theatro, deveria inserir-se na tregedia ou comedia classicas, das quaes parece ter apropriado algo saliente (3). Por muito ousada que se vos antolhe uma semelhante asseveração, ela se mostrará procedente, recorrendo á fórmula especifica que selecciona aquelle genero theatral, se devidamente estudado.

Ha uma figura em tórno de quem a acção gravita, e, heroe ou martir, genio bom ou mau, pae nobre ou scelerado, o fio do auto desnovela-se de seu character, numa coherencia logica a que o entrecho dramatico se obriga com relevo. Os córos anotam, ampliam, prevêem, coordenam, echos em que o drama vai vivificar-se, alma desdobrante, espirito onde a scena aclara, engrandecendo-se. Porque não, por conseguinte, o reconhecer-se nesta fórmula, que continúa a manter-se invariavel, sem embargo da senilidade que anda carunchando a *vis* dramatica dos reiseiros da Maia, aquella que outr'ora ergueu de pé, e a culminante altura, a arte de Sá de Miranda ?!

Ah! o reiseiro entrevisto sobre o tablado em que elle se meche como por cordelinhos, recitando comprometido o seu papel, como se dissera um recado estudado! E'-lhe hostil a

---

(1) A França conserva ainda hoje a tradição dos Vieux Noëls. Deles refere P. Sarbé: — «S'il était, jadis, une fête nationale en France, c'était celle de Noël, témoin ce dicton:

Quiconque bon Français sera  
Point de chanter ne se feindra  
Noël à grand'gorgée;  
Et son bien lui croistra  
Tout le long de l'année.

Aussi, tout porte à croire que les chansons de Noël furent inventées en France.»

Parecença alguma têm as representações dos reiseiros, que na Maia perduram, com os Nataes de França. O reiseiro é portuguez, quando não seja peninsular, ou, melhor, quando, numa dada fase, não houvesse sido commum aos dois povos da Peninsula, por intermedio do hifen galeziano, durante as primeiras dynastias.

(2) Vide «Theoria da Historia da Literatura Portugueza, terceira edição, totalmente refundida» (*ne varietur?*), pag. 167 e *passim*.

(3) Na «Historia da Literatura Portugueza, Eschola de Gil Vicente e Desenvolvimento do Theatro Nacional», o snr. Theofilo Braga, deixando manifestamente os seus creditos por mãos alheias, sahe-se com esta:

— «As Dansas mouriscas representavam-se em França no tempo de Francisco I pela festa dos Reis...

«Com o nome de *Reisadas* (?) apparecem estas danças em uma festa dos Reis em Santo Tyrso, sendo os que recitam as trovas chamados *Reiseiros*.»

Duas ou tres audições, com a atenção posta na maneira como o auto ou o entremez é conduzido, induziriam o snr. Theofilo a reformar o seu criterio. Modestia áparte, cheguei á conclusão supracitada por identico processo, e nela me mantenho ainda agora...

## REISEIROS DA MAIA

plateia ao ar livre, sem fim tregeiteando; peia-lhe as articulações a indumentaria alugada a olho no guarda-roupa da cidade; o ponto baralha-lhe deixas, entradas, rubricas, falas; os córos não entram quando devem e sarabandeiam ao invés do que marca a letra. Embora! O mysterio ou o auto desencadeia-se em austeridades de rito que se cumpre num estado de graça imanente, sendo esta feição quiçá a que externamente o paralelisa da comedia hieratica antiga, por Domingo de Ramos ou Dia de Natal, no sahimento de Corpus Christi ou Quinta-Feira-Maior. (1) Religioso, mas não freiratico, o que ele descreve ou representa ou desenvolve, posto que directamente haurido na historia ou lenda christã, tem o que quer que seja de tosco do oleiro humilde que se metesse a retratar figuras consagradas, ou do aldeão rude, que nem sequer soletrando, intentasse compôr uma ode heroica . . .

Como o nome o indica, o reiseiro da Maia é um presepista tão lhano, tão emotivo, tão afavel, que aos exigentes — ah! as inesteticas personagens! — logo faz aflorar um sorriso de ironia malefica. E' o Nascimento de Christo, sobretudo na Adoração dos Magos, na Anunciação dos Pastores, no Rescripto de Herodes, o que lhe sugere a inclita veia scenica! Incidentalmente, o reiseiro maiato póde atingir a *Nova Castro*, de João Baptista Gomes ou os *Milagres de Santo Antonio de Lisbôa*, de Braz Martins; mas só o Natal no seu piedoso melodramatico o alçaprema, o enleva em seu tradicionalismo de candura. (2) O Natal lhe deu nome, o Natal o revive. Ordinariamente, no texto versificado vão sendo enxertadas modificações, de que se não alheiam successos hodiernos: comtudo, o mysterio ou o entremez decorre agora e sempre á gloria do «Infante Suavissimo» que alumiar veio a christandade aguardando e confiando. Uma graça infavel descende da simplicidade rustica dèsses homens (pois, em regra, só a homens é dado pisar semelhante palco) distribuindo entre si papeis como o da Virgem, Santa Isabel, Sant'Anna, S. Joseph, S. João, Herodes, Pilatos, Anjos, Archanjos, simplicidade ante a qual não é já o antiquario que se descobre respeitoso, mas o poeta que estaca embevecido. (3) Houve quem aventasse transportar uma noite os reiseiros da Maia até um proscenio citadino, dando-lhes por fundo scenario autentico, esclarecendo-os a luz electrica, a serem presenceados dum publico que soubesse . . . Miserando artificio! O reiseiro, para florir ridente no seu archaismo, indene por emquanto á despaisação nacional, só visto lá, plena aldeia, com olhos de bondade para o que é ainda nosso pelo coração . . .

SEVERO PORTELA.

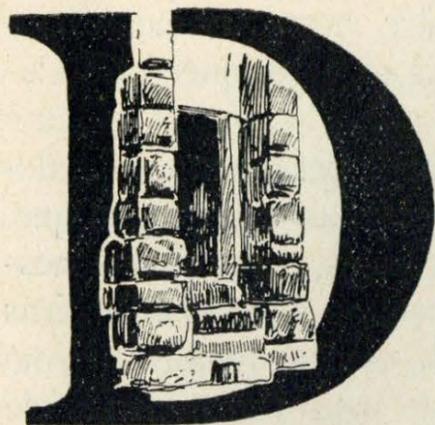
---

(1) Se umas vezes ha em que a representação é consumada em meio dum recolhimento condizente com a materia hieratica, outras ha tambem em que as chufas se entrecruzam desabridas, de espectadores para actores, até degenerarem numa trabuzanada epopaica de varapaus rodando e cabeças abertas de meio a meio! Motivo, o sangue que reserve e o ridiculo que extravasa . . .

(2) Forçando a nota, é provavel conceder-se, como pretende o sr. Theofilo Braga, que os autores predilectos dos actores ruraes sejam, principalmente, sobrevivencias de Balthasar Luiz da Fonseca e Balthasar Dias, de costela vicentina ambos. Todavia, as produções dramaticas de que os maiotos se socorrem giram já impressas em humilimos folhetos, que não estampam, e muito probidosamente, nome de autor, — de tal jaez terão sido as modificações efectuadas no decurso do tempo . . .

(3) Succede vêr-se a interpretar papeis femininos, de transcendente evocação religiosa, homunculos que, nem nessa occasião, e por coisa alguma desta vida, condescendem em vir abaixo com a barbaça formidanda, de que mui varonilmente se atributam! A risota estoira, mas sem que, implicita nela, vá menor respeito para com o que em scena se representa, devotamente sempre.

## O TEMPLO ROMANO DE SANT'ANA DO CAMPO (ARRAIÓLOS)



E ha muito que eu conhecia, de paginas 144 do *Supplemento ao Mappa de Portugal*, composto por João Bautista de Castro, a noticia da existencia de um importante monumento romano, nos arredores de Arraiolos. Resava assim a respectiva informação co-rogica, extrahida de um artigo publicado no *Panorama* (vol. X, pag. 130 e seg.) por J. H. da Cunha Rivára (1):

*Arrayolos.* «Em sitio não muito remoto do assento da villa de Arrayollos, a menos de uma legua para nornoroeste (aonde hoje está a pequena aldeia de Sant'Anna do Campo) houve povoação romana, o que se prova pela simples inspecção da mesma igreja de Sant'Anna, formada nos restos de um templo romano, do qual aproveitaram uma boa parte das paredes, senão que a fouce estragadora do tempo, e a mão devastadora do homem tem poupado quasi tres quartas partes da construção».

Mais de cincoenta anos haviam passado sobre esse artigo. O que restaria do monumento romano? Conservar-se-ia ainda?

A' ausencia de referencias ao importante edificio nas *Religiões da Lusitania* (fasc. 1 do vol. III — Lisboa 1909) e no magnifico trabalho — *Monuments romains du Portugal* (2), fez-me acreditar durante algum tempo na sua desaparicção.

Um dia, porém, — nem tudo se conhece de uma vez — caiu-me sob os olhos o folheto de Gabriel Pereira, *Antiguidades romanas em Evora e seus arredores* (Evora 1891) da coleção dos *Estudos Eborenses*, onde o templo era nova e minuciosamente descrito. Resolvi, portanto, visita-lo, o que fiz pela Pascoa de 1916.

Ao que Rivára e Gabriel Pereira disseram, pouco mais posso eu juntar do que as fotografias e o plano sumario do

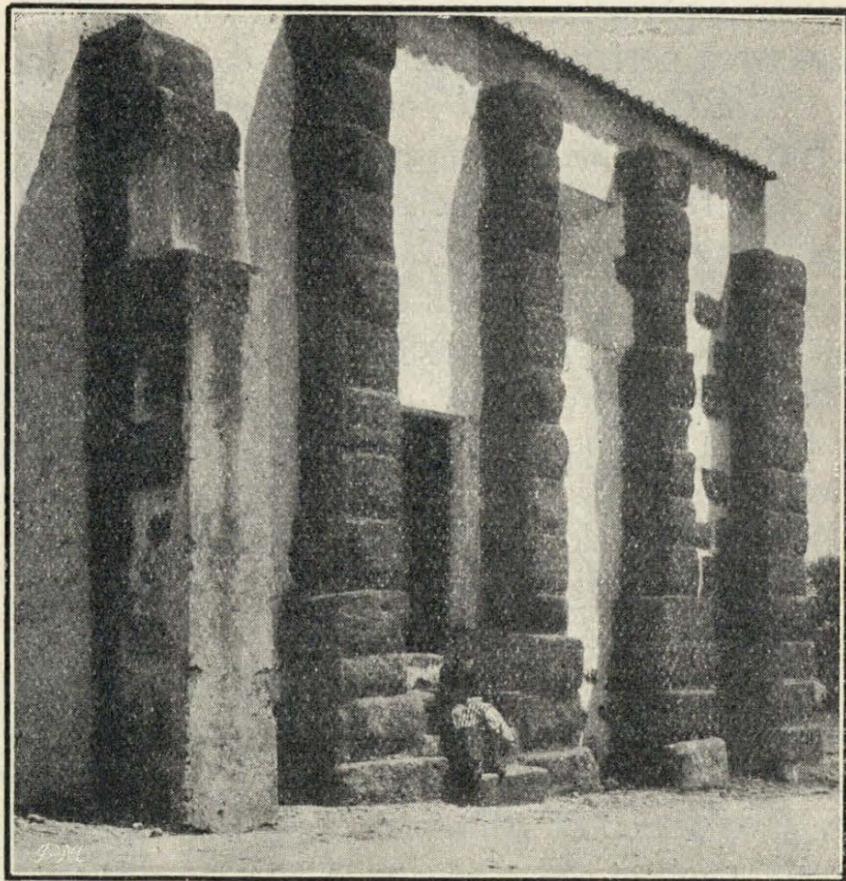


FIG. 1 — LADO POENTE, OS CONTRAFORTES DE GROSSA SILHARIA ALMOFADADA E UM PEDAÇO DE PAREDE DO BRAÇO AGORA CORTADO

(1) Este artigo de Cunha Rivára foi, recentemente, reproduzido no *Povo de Arraiolos* (n.º de 10 de Dezembro de 1916).

(2) A. Mesquita de Figueiredo — *Monuments romains du Portugal*, na *Revue Archeologique*, Vol. XXI, pags. 347-370 (1913).

## O TEMPLO ROMANO DE SANT'ANA DO CAMPO

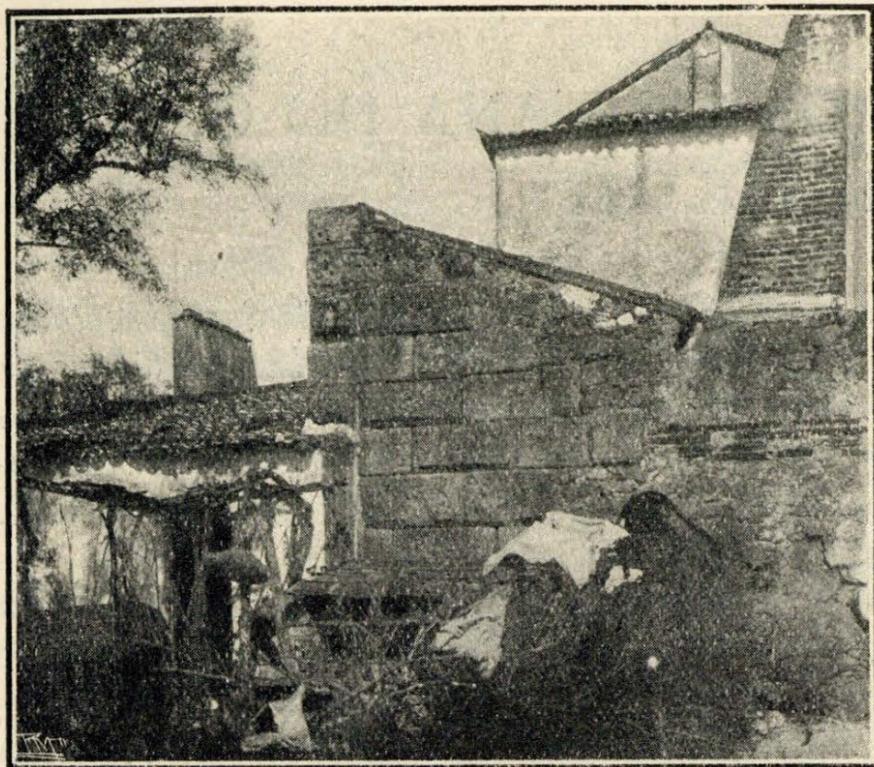


FIG. 2 — O QUE RESTA DO BRAÇO DE POENTE DO EDIFÍCIO

vando um pouco da severa grandeza de todas as edificações que o povo creador da nossa civilização erigiu na metade da Europa submetida ao seu dominio (fig. 1).

De facto, no dizer de Gabriel Pereira, «não sofre duvida que esses restos do primitivo edificio são de epocha romana; tem o cunho grandioso e solido que essa pasmosa civilização sabia imprimir a todas as suas obras; era uma construção vasta, de robustas paredes formadas de grossos silhares faciadados, fortalecidos por contrafortes bastante proximos para sustentarem superiormente outros silhares de grandes dimensões, formando um friso que ainda se conserva perfeito na face oriental da egreja» (opusculo citado, pag. 29).

Já Cunha Rivára notou a forma crucial do edificio primitivo. Efectivamente, reconhece-se, pela parte ainda existente e bem conservada dos braços lateraes, que o edificio se prolongava bastante para o poente e nascente. Do lado do poente, uma estrada cortou e arruinou o braço em cujo extremo se abriga hoje a casa do sacristão; do lado do nascente, o cemiterio da aldeia acantonou-se dentro dos restos do braço oposto (figs. 2 e 3).

A parte mais completa do edificio é aquella onde fica a capela-mór, e esta mesma parte supponho eu que terá sido sempre o tópo do edificio, cuja entrada seria tambem pelo lado onde hoje se abre a porta principal do santuario.

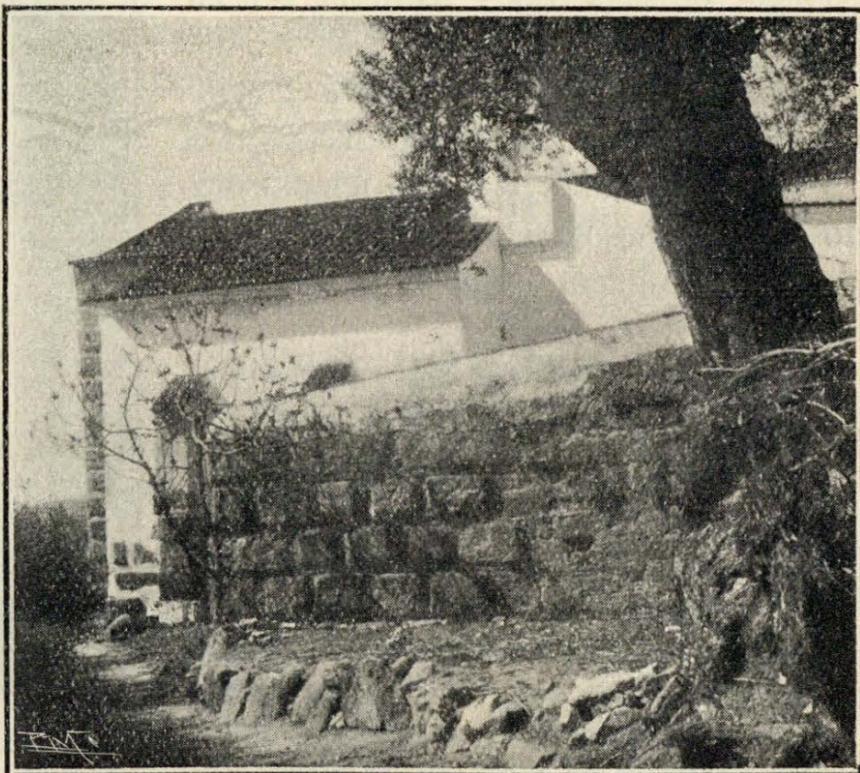


FIG. 3 — O QUE RESTA DO BRAÇO DO NASCENTE

## O TEMPLO ROMANO DE SANT'ANA DO CAMPO

Conserva as paredes grossíssimas, altas uns seis metros, apoiadas em contrafortes enormes (Fig. 1), muito chegados uns aos outros, certamente destinados a aguentar o balanço formidável da abobada, que tem mais de sete metros de vão.

Do lado do nascente (Fig. 4), conserva-se ainda, no alto do edifício, um monolito atravessado, a modo de arquitrave. Apoiá-se contra essa parte um anexo da igreja, a sacristia, que G. Pereira considerou também romana. Nisso discordo eu do ilustre arqueólogo. A construção, uma quadra quadrangular, simples, parece-me posterior, embora levantada com silharia aproveitada do edifício arruinado.

Dentro do templo, pouco ha que notar. O interior é frio, soturno, com pouca luz. Parece mais que se está dentro de uma cisterna, do que de um santuario. O altar-mór fica numa absidesinha que, exteriormente, se projeta pouco, fóra da parede. A porta de entrada para a capela-mór rasga-se, acanhada, entre dois dos grossos gigantes. Para a esquerda, abre-se uma passagem para a sacristia, que é melhor iluminada. Em toda a parte, as paredes lisas, nuas.

O corpo da igreja é desmonotonizado por quatro pilastras, sobre cada par das quaes se arqueiam dois grossos, pesadíssimos, arcos.

Farião esses arcos já parte da construção primitiva? E' muito possível.

G. Pereira acreditava que o quarto braço do edificio se prolongava uns quinze metros para o norte, ficando assim o templo com a forma de cruz latina. Mas seria isto assim? Não apresentaria antes a construção geral o feitio de um T? O lançamento e vastidão dos braços levam-me, embora sem convicção, a essa hipótese.

Pela grossura das paredes da capela-mór e pelos seus gigantes, vê-se que ela deve ter sido abobadada.

O mesmo não pode dizer-se com referencia aos lados, cuja es-

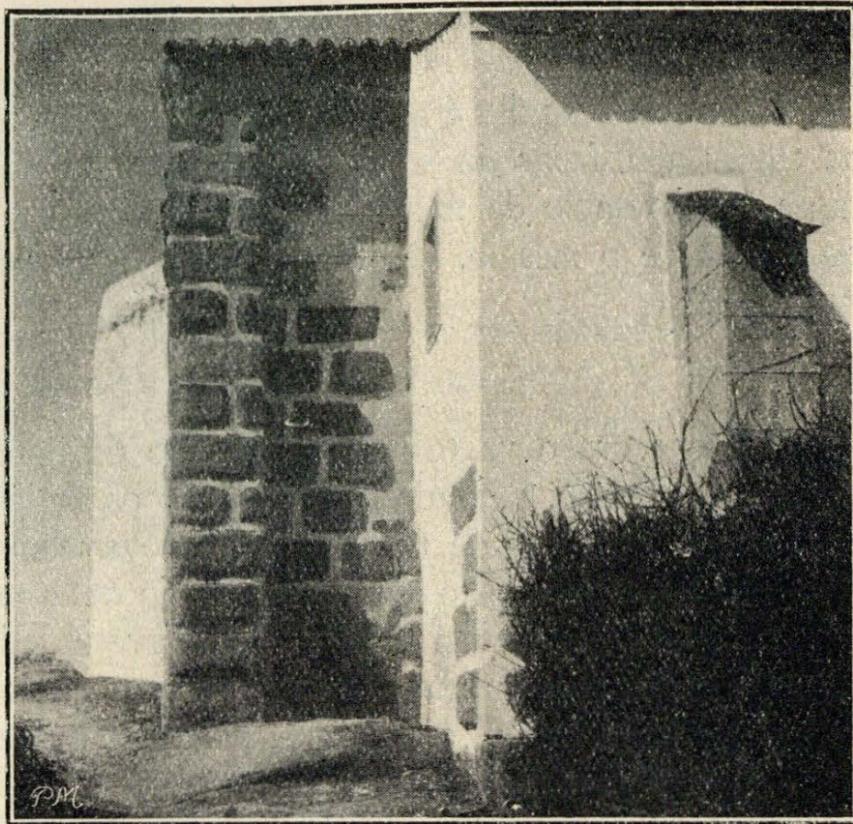


FIG. 4 — LADO DO NASCENTE. A ABSIDESINHA, A ESQUINA DO TÔPO DO EDIFÍCIO COM A ARQUITRAVE NO ALTO, E A SACRISTIA

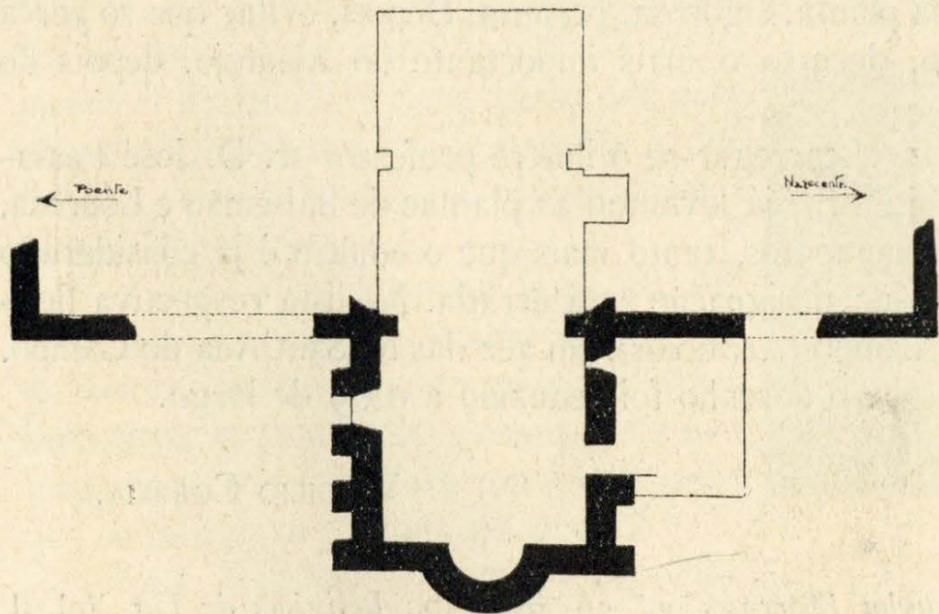


FIG. 5 — PLANTA DO EDIFÍCIO ROMANO DE SANT'ANA. A PARTE A NEGRO REPRESENTA O QUE CONSIDERO PRIMITIVO; OS TRAÇOS RESTANTES SERVEM APENAS PARA INDICAR A ÁREA OCUPADA PELA IGREJA. A ABSIDE PODE, TALVEZ, SER POSTERIOR.

## O TEMPLO ROMANO DE SANT'ANA DO CAMPO

pessura de paredes não era propria para aguentar abobada. O tecto, ahi, apoiar-se-ia sobre colunas.

Que tudo aquilo é absolutamente romano, não sofre duvida alguma. Basta olhar para as toscas almofadas da silharia, iguaes ás da porta de Aramenha, da ponte de Vila Formosa e do templo de Alcantara, do aqueduto da Bobadela, etc., para se vêr que o tipo de construção é o mesmo. Quanto á epoca de erecção do edificio, pode, talvez, apontar-se o seculo III.

\*

O que era o vasto edificio romano de Sant'Ana do Campo? Com toda a verosimilhança um templo. E, dado que, segundo os antigos autores, ahi apareceram inscrições latinas com a invocação de *Carneus* (1), provavelmente seria um templo dedicado a esta divindade, um deus lusitanico ou anterior, cujo culto prosseguiu.

A existencia de um templo de tão avantajadas dimensões em lugar onde outros vestigios romanos não indicam grande povoação, não se deve estranhar. Quantos santuarios famosos não se isolam, ainda hoje, entre meia duzia de casas humildes?

O edificio permanece no mesmo estado, pouco mais ou menos, em que se encontrava em meado do seculo XVIII. No *Diccionario Geographico* do P.<sup>e</sup> Luiz Cardoso, de que o distinto arqueologo sr. dr. Mesquita de Figueiredo extratou para o *Archeologo Portugues* algumas informações, depara-se-nos a seguinte nota (2) sobre a igreja de Sant'Ana:

«He a Capella-mór e parte de Igreja feita de pedras de desmarcada grandeza, lavrada e fabricada: tem cal até o telhado, e dizem fora obra dos Romanos, o que parece se prova de huma pedra marmore onde se vem humas letras latinas.»

E continua: «Mandando-se accrescentar a Igreja, haverá dezaseis annos...» Combinando as datas da publicação do *Diccionario*, com as dos provaveis envios de informações paroquiaes, e com a de 1715, que se encontra sobre a verga da porta principal, podemos concluir que a destruição de mais um bocado do vetusto monumento teve lugar no começo do seculo XVIII. A restauração realizada em 1884 pouco mais danos causou.

O que resta fazer?

Em primeiro lugar, levantar uma planta, rigorosa, perfeita. Depois, evitar que se perca o resto deste venerando monumento, decerto o mais importante do Alentejo, depois do templo romano de Evora.

Da primeira parte poderá, talvez, encarregar-se o illustre professor sr. D. José Pessanha, que, com os seus alunos de Architectura, já levantou as plantas de Balsemão e Lourosa. O resto incumbe ás Comissões de Monumentos, tanto mais que o edificio é já considerado monumento nacional. Simplesmente a sua designação está errada. Na lista respectiva figuram as ruinas romanas de S. João do Campo (Arraiolos), em vez das de Sant'Ana do Campo. A planta que reproduzo é feita a 1:100; o desenho foi reduzido a 0,09 de largo.

(Fotografias e planta do autor.)

VERGILIO CORREIA.

(1) *Corpus Insc. Lat.* n.<sup>o</sup> 125; *Estudos Eborenses*, n.<sup>o</sup> 26, pag. 30; *Religiões da Lus.* Vol. II, pag. 312.

(2) *Archeologo Portugues*. Vol. I, pag. 320.

## RENDAS PORTUGUESAS

(Continuado do tomo II, pag. 36)

Dissemos no nosso primeiro artigo o que efectivamente nos parece uma verdade incontestavel, isto é: que as rendas de bilros, em Portugal, não entraram nunca na aristocracia do luxo caro e se conservaram como industria popular durante longo tempo; mas, que, a par dessas rendas, executadas materialmente, sem ensino prévio, sem desenho, com a execução do pique aprendida sem que a rendeira compreendesse ou executasse outro que lhe não ensinaram, havia quem, no silencio recolhido das oficinas conventuais, imitasse evidentemente as rendas que do estrangeiro eram trazidas, como regalo de opulentos, ou ornamentos do culto religioso.

A essa categoria pertence a renda da gravura n.º 1, duma leveza e duma graça que lhe vem mais da finura da seda e da correcção do trabalho, que da riqueza do desenho.

Este interessante exemplar proveio do velho e artistico convento das franciscanas de Setubal, chamado *de Jesus*, fundado pela ama de D. Manuel, a celebre Justa Rodrigues, de cuja consciencia perturbada a grande obra piedosa porventura acalmou os remordimentos.

Apesar de pertencer a uma ordem de confessada humildade, o convento de Jesus, em Setubal, não mostrava a pobreza na opulencia artistica da sua architectura manuelina, ricamente trabalhada no lindo marmore da Arrabida, nem mesmo na ornamentação da igreja e nos paramentos do culto, como nos recursos fartos da sua dotação em pomares e marinhas de sal, então de larga exportação e rendimento.

E' que a comunidade, apesar de procurar humilhar-se, escolhendo a regra franciscana para sua lei, tinha como um dos seus preceitos não admitir mais de trinta e tres membros, em atenção aos anos de Christo, guardando sempre vaga para uma senhora, princesa de sangue, que quisesse refugiar-se na clausura. E a pobreza e a humildade dos grandes, apesar de toda a sua sincera vontade de a mostrar, é trahida a cada passo por mil pequenas manifestações de orgulho e de habitos, que só iludem os espiritos simples ou superficiais.

Assim, o convento de Jesus estava recheado de pequenas coisas de arte e de beleza, não admirando que ali se trabalhassem as rendas finas com piques estrangeiros, como de Italia era a seda com que se fabricava a renda do modelo.

Que á mulher portuguesa não faltou nunca habilidade, paciencia e gosto para os trabalhos manuais, provam-no inumeros objectos que se teem conservado, e por milagre chegado até nós; mas o que a maior parte deles prova tambem, é que não houve nunca uma boa e persistente orientação artistica, que

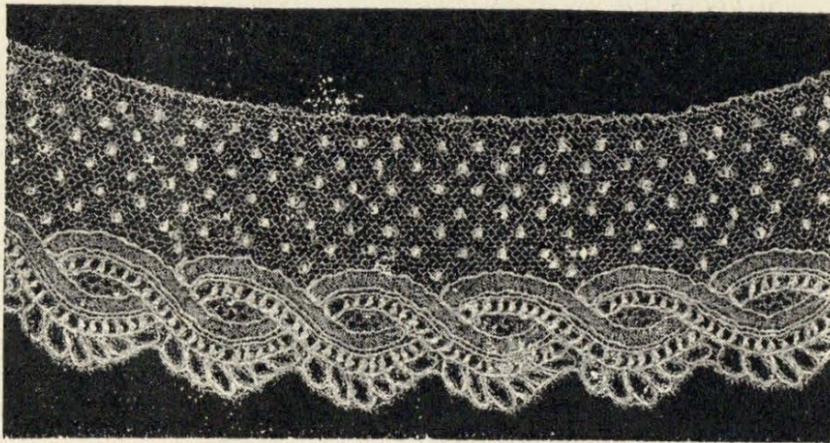


FIG. 1 — RENDA DE BILROS, DE SETUBAL

## RENDAS PORTUGUESAS

canalizasse duma maneira proveitosa os trabalhos e industrias femininas. Pelo contrario: as industrias que se exerciam nos conventos e chegaram a ter collocação assegurada no estrangeiro, como a das laranjas doces de Setubal, perderam depois o mercado de Londres e os escandinavos, porque não souberam acompanhar a evolução comercial e o gosto do publico, querendo manter num commercio livre os pobres meios de que usavam as freiras em tempos idos, com os seus papelinhos recortados á mão e as suas florinhas ingenuas espetadas no fruto.

Acabados os conventos, sem escolas que os substituíssem, as industrias femininas que não caíram no povo, quasi se pode dizer que desapareceram.

No povo se conservaram os bordados da Madeira, os *tules* bordados a palha dos Açores, as rendas de bilros do Funchal, Setubal, Villa do Conde, Viana, Lagos e outras, que não conseguiram ir além da miseravel venda dos mercadores ambulantes, homens e mulheres, que percorriam as termas e praias e em Lisboa e Porto levavam ás casas particulares o produto desvalorizado do trabalho das pobres mulheres dos pescadores do litoral.

No entanto, a renda, desvalorizada em Portugal, era levada para o Brasil pelas mulheres que abalavam para a nova terra da promessa e ajudavam a cimentar uma civilização absolutamente filha da nossa. As grandes damas que chegavam ás terras de Santa Cruz como esposas, filhas, mães e irmãs dos altos funcionarios do reino, civís e militares, levavam consigo criadas e moças do seu sequito, que foram as mestras das escravas negras e das mestiças que enchiam depois os palacios e fazendas senhoriais.

E' desta forma que bem se comprehende toda a doçaria tradicional portuguesa repetida no Brasil, umas vezes com nomes locais, outras com os proprios usados em Portugal, e que se comprehende bem a industria das rendas principalmente localizada no Ceará e que se tem desenvolvido paralelamente á nossa renda popular, como se vê dos modelos e amostras que possuímos.

E não foi só no Brasil que a expansão portuguesa se fez sentir sob o ponto de vista das rendas de bilros, pois na propria India Portuguesa as encontramos entre as mulheres de Salsete, como adeante mostraremos.

(Continúa.)

ANA DE CASTRO OSORIO.



FIG. 2 — RENDEIRA DO TROINO, EM SETUBAL.

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

(Continuado de pag. 90, do vol. II)

Em matéria de retratos fantasistas, começemos pelo da fig. 13, onde o artista quiz dar, no mesmo, dois rostos de expressão diversa; o folheto, a pags. 14, diz expressamente ser «o riso de Democrito afogado no pranto de Heraclito». (1). Estou daqui vendo as torturas de imaginação que se daria o inventor daquele mamarracho para dar simultaneamente ao público a impressão do riso e das lágrimas. Veja-se ainda, além do já reproduzido na fig. 5 e 6, o retrato do frontispício da *Historia novamente da Emperatriz Porcina* (Lx.<sup>a</sup> 1719), anónima, mas de Baltazar Dias, representando num medalhão uma dama, vestida ao princípio do sec. xvii, que segura na mão esquerda um ramilhete (fig. 14).

Digna de reparo é também a figura ilustrativa da *Historia verdadeira da Princeza Magalona* (Lx.<sup>a</sup> 1758) (fig. 15), de tipo diferente do que vem reproduzido na fig. 5.

Em 1737 fez Bernardo Fernandes Gayo imprimir em Lisboa a *Feliz noticia da conversam de hum Jogue*. Trata o folheto do cativo e baptismo dum jogue ou soberano índio, por empenho do vice-rei D. Pedro de Mascarenhas, conde de Sandomil. Depois de nos informar de que ha na India duas seitas de jogues ou sancaxins, uns que rapam o cabelo — os contemplativos, outros que o deixam cair até o joelho, e são os penitentes, descreve este, que vem de entrar na comunidade cristan, lavado pelas águas lustrais do baptismo, como pertencendo á ultima daquelas seitas, e diz que «vinha todo nú, os pés descalços, os cabellos atados, e cuberto de cinza; na mão direita apertava hum molho de penas de Pavaõ, e a esquerda fechada, e levãtada no ar por detraz da cabeça...». Esta era a sua penitência, e deu um trabalhão aos físicos do tempo pôr-lhe o braço em movimento e abrir-lhe a mão, absolutamente paralisados no longo período de imobilidade.

Extensa a lista dos livros e folhetos plebeus, sob todas as fórmulas literárias, consagrados á hierática. Em quase todos tem intervenção o historiador da gravura popular. Na impossibilidade de descrevê-los todos, ou pelo menos os mais frisantes, limitarei a minha boa vontade a quatro ou cinco dêles. Seja o primeiro a *Historia da vida do glorioso S.<sup>to</sup> Izidro Lavrador* (s. lugar n. data). O padroeiro de Madrid

(1) Problema, que o sempre memoravel Padre Antonio Vieira... recitou em huma Academia em Roma...: se o Mundo he mais digno de rizo, ou de pranto; e assim quem acertava melhor, DEMOCRITO, que riã sempre, ou HERACLITO, que sempre chora. (Lisboa, s. data).



FIG. 13 — O RISO DE DEMOCRITO AFOGADO NO PRANTO DE HERACLITO

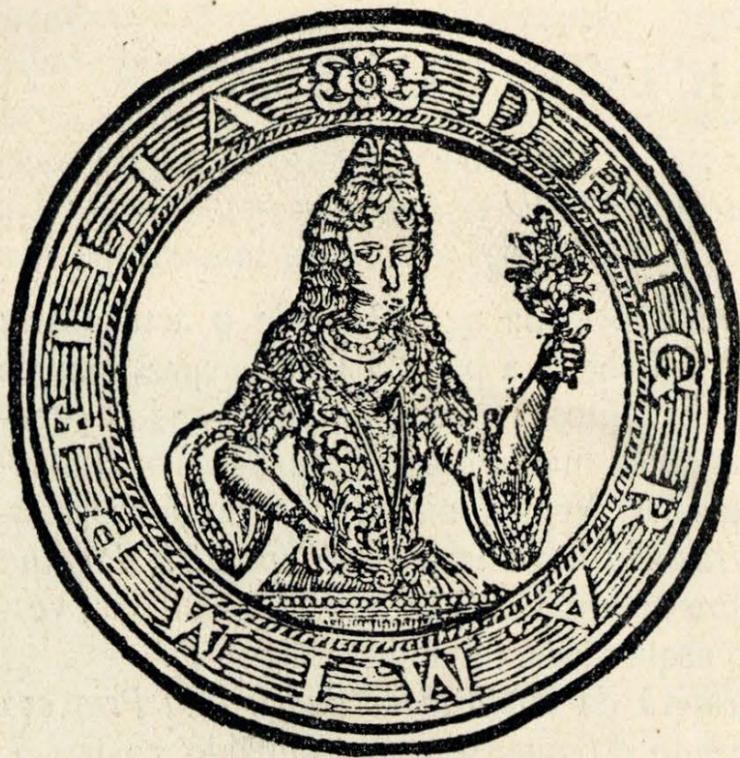


FIG. 14 — DA «HISTORIA NOVAMENTE DA IMPERATRIZ PORCINA»

antiga, e devia ter ficado nos caixotins até ao século XVIII. Na época da impressão deste folheto, estava já muito cansada e de cunho demasiadamente apagado, devido ao uso frequente e pouco resguardo com que certamente a guardaram.

Podêmos também adscrever ao século XVI, mas á primeira metade, a gravura frontispicial da *Pratica de tres pastores* (Lisboa, s. d.), especie de auto pastoril várias vezes estampado até meados do século XVIII (1).

E' a scena da Natividade — o Menino deitado numa dobra do manto da Senhora, esta e S. José velando por êle. Ao fundo, um povoado medievo, que nada tem de oriental,

O todo artístico e composicional da estampa (fig. 18) é o que vemos nas do mesmo assunto em incunábulo e livros quinhentistas, paralelo às iluminuras dos devocionários contemporâneos. O folheto deve ser dos fins do século XVII.

Graciosa e pitoresca é a gravura popular que reproduz a scena paradisíaca da maçan: aqui, por acaso, as maçans são tres, uma nas mãos de Adão, outra nas de Eva, ambos de pé, junto da arvore fatal, onde se enrola uma serpe de cauda farpada, abocando o terceiro pomo. Em derredor, varios animais retouçam as relvas tenras do Eden, passeiam, ou sonecam, mediocrementemente preocupados com

(1) As edições do século XVII são rarissimas, e mesmo as do XVIII não são vulgares. Vid. *Primeiro escritorio bibliografico da livraria que foi do Dr. Rodrigo Veloso* (Porto, 1914), sob os n.ºs 3570, 3571 e 3572.

é representado, numa vinheta inicial, empunhando uma vara de boieiro e conduzindo a rabiça do arado, que uma junta de bois arrasta (fig. 16). Na *Historia das vidas de S.<sup>a</sup> Maria Egypciaca, S. Thais, e S. Theodora Penitentes*, do P.<sup>o</sup> Ribadeneira (Lx.<sup>a</sup> 1737), trad. de Diogo Vaz de Carrilho, o frontispicio é ilustrado por uma estampa (fig. 17) no passo em que Maria Egypciaca, que levára no século uma vida de torpezas e libertinagem desfreada, apareceu no deserto ao veneravel monge Zozimas. Este, arrimado ao seu bordão, junto duma ponte lançada sôbre caudaloso rio correndo dumas penhas que se enxergam ao longe, coroadas por edificações acasteladas, contempla a antiga cortesã, que, do outro lado da corrente, envolve a nudez no manto dos seus longos cabelos. A gravura é ainda dos fins do séc. XVI, se não mais



FIG. 15 — DA «HISTORIA VERDADEIRA DA PRINCEZA MAGALONA»

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

o arcanjo vingador, que desce do alto, de espada flamejante, a castigar a culpa original. Ora tudo isto consta duma peça de cordel, chamada *Auto da vida de Adam, Pay do genero humano, Primeiro monarca do Universo*, author Felix Joseph da Soledade (o illustre diplomata e academico José da Cunha Brochado) — Lisboa, 1741.

Entre a folhetada de propaganda religiosa, relevam ainda os *Avisos ao pecador obstinado*, pelo P.<sup>e</sup> Pedro Lopes Rebello, Lx.<sup>a</sup> s. data, mas dos inícios do sec. XVIII. Gravura: um esqueleto, empunhando na direita a simbólica foice roçadeira. Aos pés, uma mitra, um chapéu de cardinal e um báculo. Ao lado esquerdo, sobre uma peanha, um castiçal acêso. O nada das gerarquias mundanas em presença da realidade inevitável da morte (fig. 19).

O folheto, exortando o pecador á penitência e dissuadindo-o da inanidade das coisas do mundo, traz um passo que explica a figura, onde diz:

Quando pelo caminho desta vida  
Ao parecer seguro caminhando,  
A fermosura passa guarnecida  
De tudo o que presume imaginando,



FIG. 16 — DA «HISTORIA DA VIDA DO GLORIOSO SANTO IZIDRO LAVRADOR»

A salteou a morte, que atrevida  
Sahiolhe ao caminho, e foy tirando  
Vestidos, ouro, prata e fermosura  
Deixando-a qual a ves nesta figura.



FIG. 17 — DA «HISTORIA DE SANTA MARIA EGYPCIACA, S. THAIS, E S. THEODORA PENITENTE»

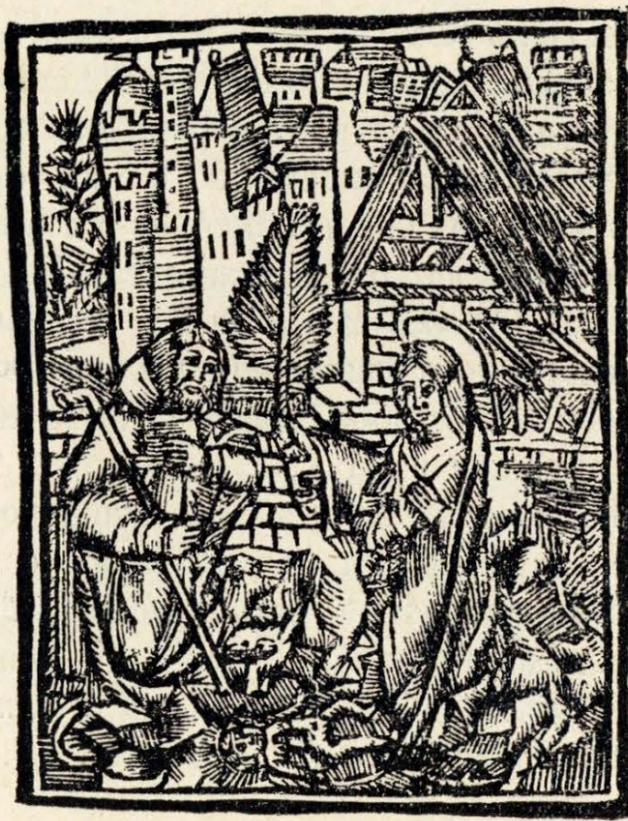


FIG. 18 — DA «PRATICA DE TRES PASTORES»

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

A gravura da edição de Lisboa — 1659 do *Auto de Santo Aleyxo*, obra do cego Baltazar Dias, difere da publicada por Theophilo Braga (1); por isso a reproduzo aqui (fig. 20).

Somos chegados a um dos livros que maior predomínio teve nas cerebrações obumbradas dos nossos avós do sec. XVII e XVIII. Vejam se conseguem lêr o título sem um arripio de pavor: *Desengano de Alucinados. Caso horroroso, Relação tragica, e Historia funesta do Peregrino do Inferno*, traducção de

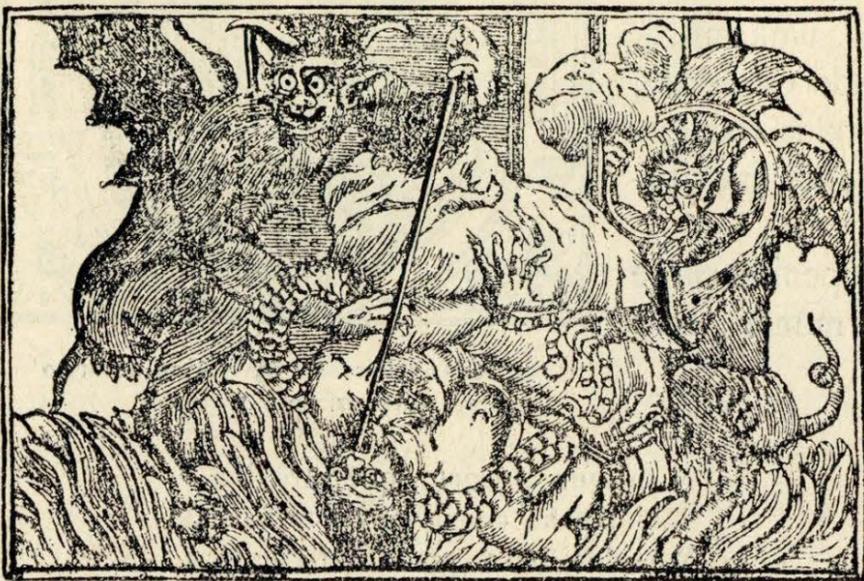


FIG. 22 — DA «HISTORIA DO PEREGRINO DO INFERNO»

por meio dum barril de pólvora, que tambem consta da estampa. Inspirado no terrivel exemplo, um outro ignorado artista gravou para uma outra edição setecentista a estampa do n.º 22, onde dois diabos saem das chamas infernaes precipitando-se sobre o peregrino, que um enorme pedregulho sobremonta. Um dos tais enfia-lhe uma lança pela bôca, enquanto o segundo lhe vai assoprando uma trombeta aos ouvidos. Ainda vi outra diferente, numa edição de 1741.

Em matéria de gravuras fixando os costumes e a vida pública ou privada até o primeiro quarto do séc. passado (menos vulgares do que as até agora apresentadas), temos aqui, além da que dei á estampa na fig. 10, a *Carta a hum amigo, descrevendo a velhice de huma sege...* (S. l. n. d.),

(1) *Portugalia*, art. cit.

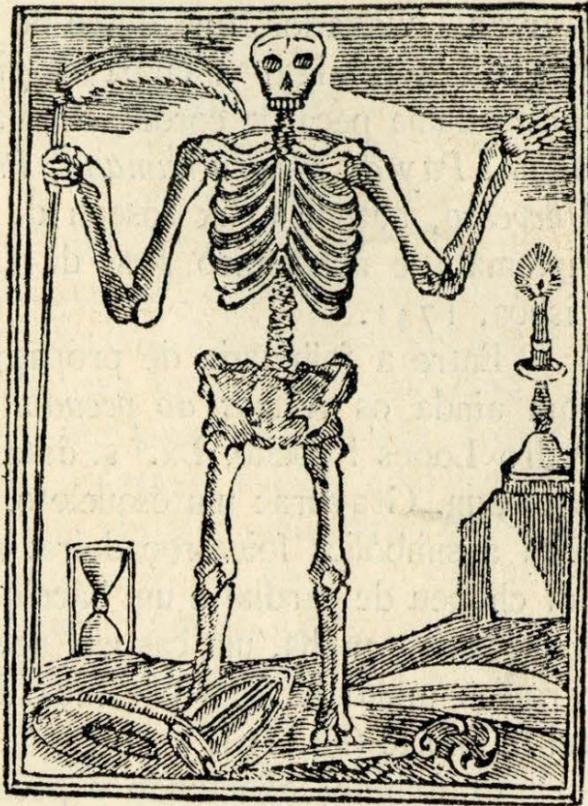


FIG. 19 — DOS «AVISOS AO PECADOR OBSTINADO»

Salvador Joseph de Barros (Lisboa, 1733). Mas quem resistiu ao titulo, certo não resistirá á gravura (fig. 21), nem ao descritivo das aventuras do precito, que veio a encontrar a morte junto de uma casa que queria destruir

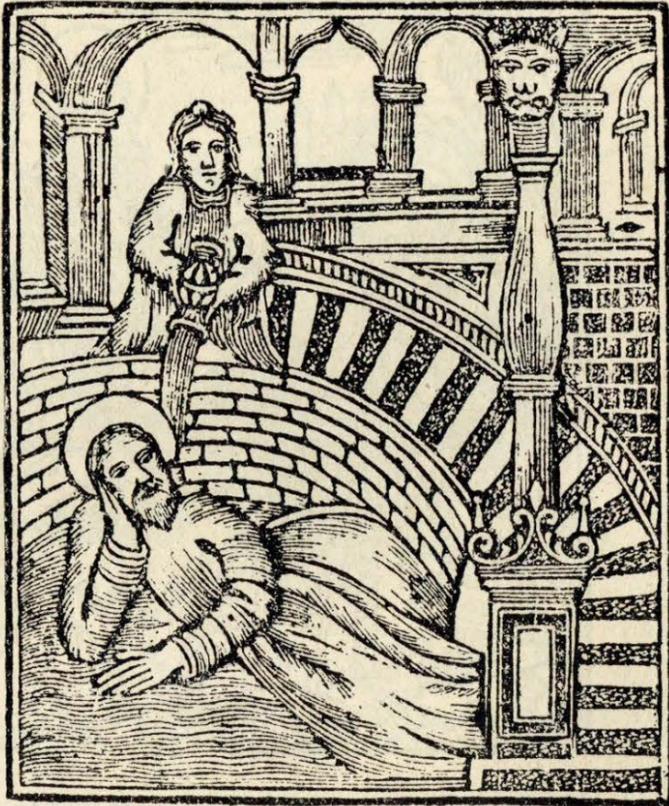


FIG. 20 — DO «AUTO DE SANTO ALEIXO»

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

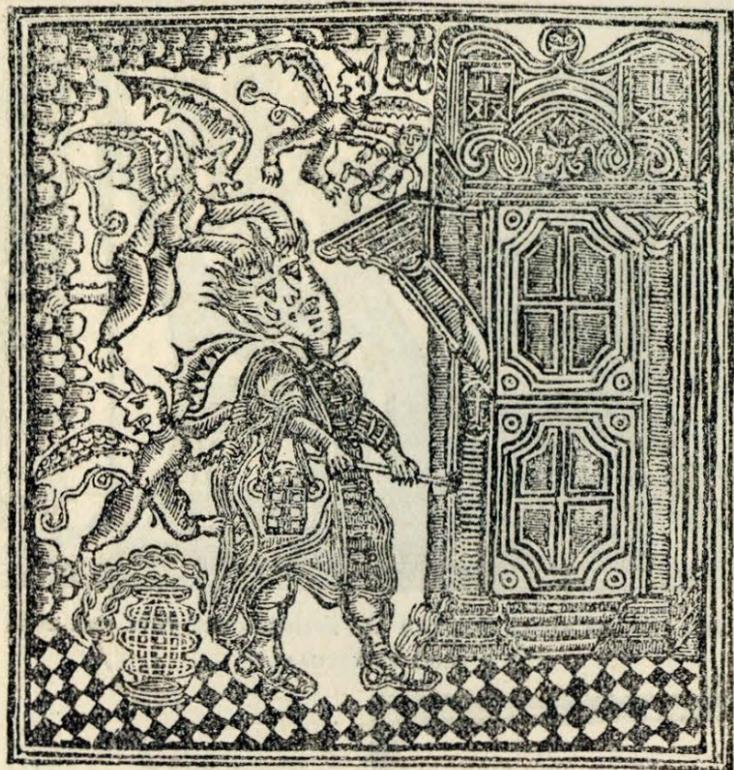


FIG. 21 — DA «HISTORIA DO PEREGRINO DO INFERNO»

monstrar a insofreavel ganância da «caterva gallega» e conta a propósito a historieta dum sujeito que jurou contentar um galego com o dinheiro que lhe desse.

Mandou-o fazer um ligeiro recado, que bem pago ficaria com dois patacos, e deu-lhe no fim uma moeda de oiro. Vai o homem perde a aposta, porque

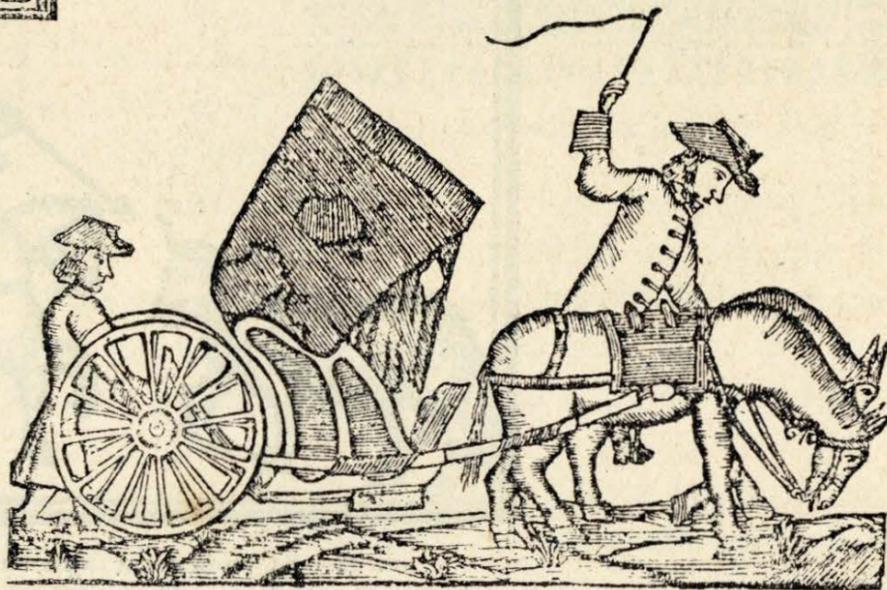


FIG. 23 — DA «CARTA DESCREVENDO A VELHICE DE HUMA SEGE»

Mirando a bela moeda  
Fazendo-lhe mil carinhos  
Diz o Gallego risonho  
«Num me dá mais déz reiszinhos?»

A estampa do segundo folheto (fig. 25) é porventura mais valiosa: junto dum charariz, um grupo de galegos limpa a barrilagem, acto assistido pelo capataz dos agudeiros, que traz na mão uma vara encimada pelas armas portuguesas (1).

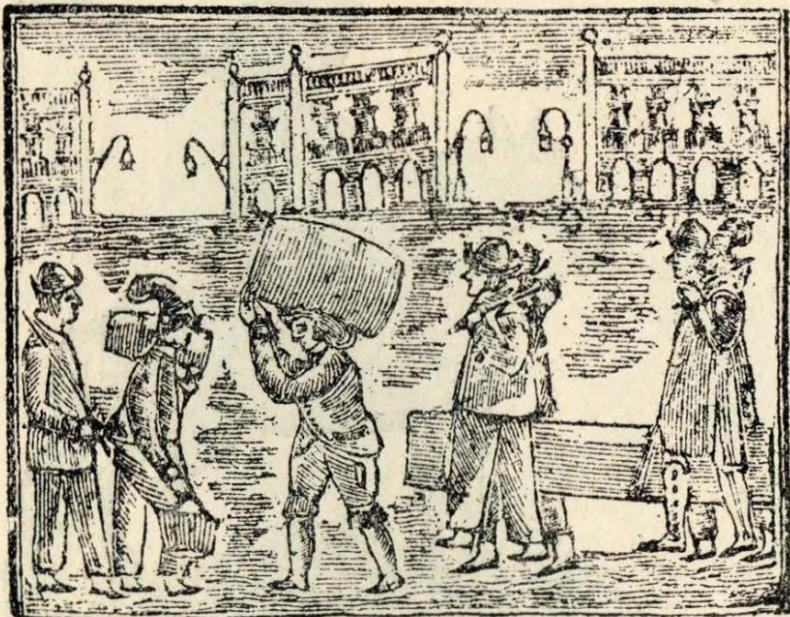


FIG. 24 — DAS «MINAS DOS GALLEGOS»

(1) Possuem exemplares desta insígnia os meus amigos Luiz Keil e dr. José Sobral Cid, ex-ministro da instrução.

GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

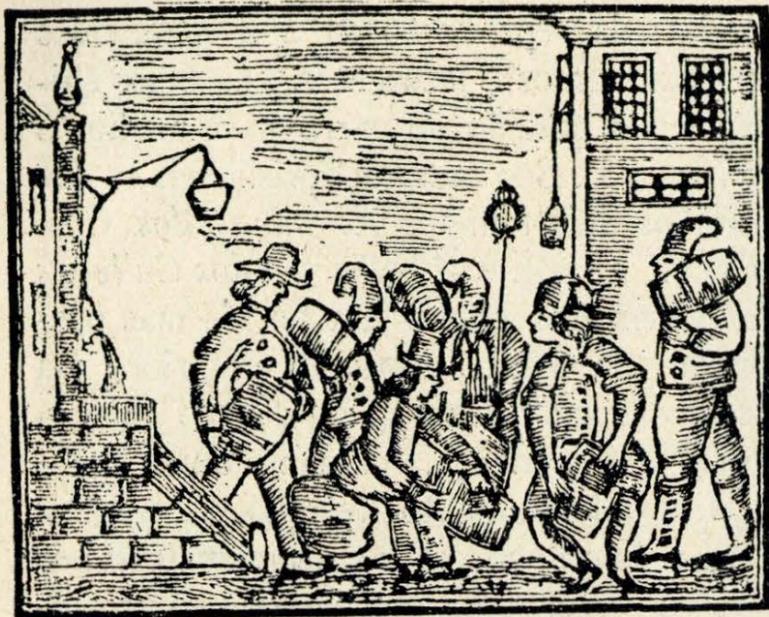


FIG. 25 — DE «A BALBURDIA DOS GALLEGOS»



FIG. 27 — DA «NOVA RELAÇAM DAS REZINGAS QUE TEVE UMA MOÇA CÔ UMA VELHA»



FIG. 28 — DA «NOVA RELAÇAM DE TODA A FESTIVIDADE [DO PRIMEIRO DIA DE TOUROS]»

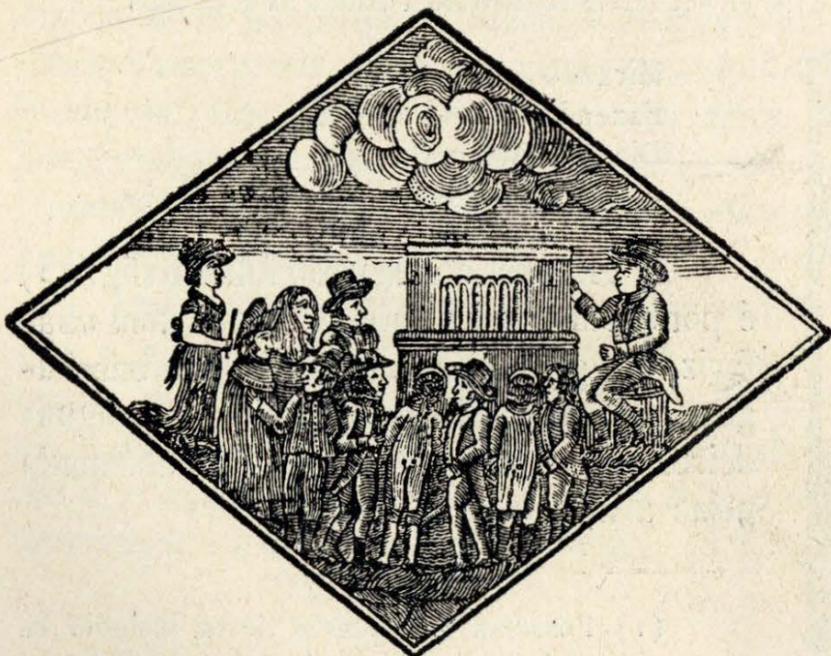


FIG. 30 — DA «CAMARA OPTICA» DE JOSÉ DANIEL



FIG. 31 — DO «ALMOCREVE DE PETAS» DE JOSÉ DANIEL

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

Ainda dentro deste género, aqui temos as *Alegres festas dadas por Tomaz Pinto Brandam*, o satírico do *Pinto Renascido*, folheto aquele datado de Lx.<sup>a</sup>, 1720. Preciosa a estampa supratitular, que o artista dividiu em tres quadros, no sentido horisontal (fig. 26). No primeiro, dentro do seu açougue, um magarefe es-cacha qualquer animalejo de espécie imperfeitamente definida. Ao baicão, sôbre o qual pende uma fileira de aves, veem-se duas figuras—homem e mulher. Esta põe sobre o balcão as aves que está despendurando; o companheiro corta a golpes de choupa um cabrito ou coisa que o valha. No quadro inferior, duas regateiras sob um tôlido, uma de peixe, outra parece que de pão. No último quadro, uma vendedeira ambulante, de cêsto á cabeça, no meio duma praça, onde um cão arremete contra ela. Voltarei mais longe a referir-me a êste folheto.

A fig. 27 é a que consta da *Nova Relaçam das rezingas que teve hua moça cõ hua velha sobre ver a função dos Touros na Praça do Rocio*, e a 28 a que exorna a *Nova Relaçam verdadeira de toda a festividade do primeiro dia de Touros*, falsamente impressa em *Catalumna* (1) (Lisboa), 1752. Descreve a primeira tourada que se fez no Terreiro do Paço, a quando das festas com que o Senado da Câmara de Lisboa celebrou a entronisação de D. José I. A mesma gravura ilustra a *Bondade das mulheres e malicia dos homens* (Lisboa, 1741), facto que vem asselar o que escrevi a pag. 87 do número anterior.

Farei menção ainda da gravura que acompanha os *Trabalhos de Clara Lopes*, exemplar de *Cristaleiras* (2), Sevilha (Lisboa), 1751, onde a muitas vezes celebrada heroína da seringa aparece em toda a sua fealdade (fig. 29); e das que ornamentam o cabeçalho de cada um dos números da *Camara Optica* de José Daniel (fig. 30) e do celebér-rimo *Almocreve de Petas*, do mesmo (fig. 31).



FIG. 32 — DO «GRANDE E HORRIVEL CRIME DE UMA MULHER QUE MATOU SEU PROPRIO MARIDO»



FIG. 29 — DOS «TRABALHOS DE CLARA LOPES»

(1) Frequentemente surge êste toponímico em edições de cordel do século XVIII. Desconheço nome de terra com tal grafia; será acaso uma corruptéla de *Catalunha*?

(2) *Cristaleira*, ou *criste-leira*, era a mulher que adminis-trava clistères (*cristel*, corrupç. de *clister*).

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

Uma legião de fôlhas volantes, tanto antigas como de hoje, é encimada por gravuras da mais desvairada concepção, em matéria de casos e coisas da vida corrente (1). Além da que já citei, produzindo-lhe a gravura na fig. 3, e que consta do fólio avulso *Bonitos Versos de Flôres com bonitas palavras de Namoros — Obra reinada e muito divertida* (2), de execução contemporânea, ha ainda as do tipo que chamarei do «grande e horrivel crime», porque é, em geral, com estas palavras que começa o título das narrativas desta espécie, que os cegos de hoje zangarreiam nas guitarras por feiras e romarias. A que se exhibe na fig. 32 vem no *Grande e horrivel crime praticado por uma mulher que matou seu próprio marido com uma faca de cosinha, em Traz-os-Montes* (3). Trata-se de

Joaquina do Choupal,  
E' nome bem conhecido,

E seu infeliz marido  
Era o José do Valle.

Viviam os dois com alguma abastança, em companhia dum filho de baixa idade. De-preende-se do texto que ela praticára o crime levada pelo ciume, e que

Depois do que praticou  
Aquelle alma tão crua,  
Lá n'uma fazenda sua  
O cadaver enterrou.  
.....  
Mas havia no logar

Alguem que desconfiou.  
A criança interrogou  
E assim pode saber,  
Que a infame mulher  
Seu esposo assassinou!

Reparte-se a gravura em tres episódios. No primeiro, vê-se uma mulher abrindo a porta de casa a um sujeito, talvez o marido. Desenrola-se no segundo o lance culminante

(1) Que causas determinam a aparição destas fôlhas avulsas? Quase sempre um acontecimento retumbante, de interesse geral, ou mesmo particular, dentro duma limitada região. Noutro tempo, os grandes crimes, como a tentativa de assassinio de D. João IV, os grandes sacrilégios, como o desacato de Odivellas, os milagres, como o da Senhora da Rocha, as guerras sangrentas e prolongadas, como as invasões francesas, os cataclismos naturais, como o terremoto de 1755, deviam de ter excitado a comoção, o interesse ou o entusiasmo dos coevos, e suscitado um grande número de fôlhas volantes, que, sendo ao povo destinadas, por um filho dêsse povo eram ordinariamente redigidas. Ainda nos nossos dias assim tem acontecido depois dos sucessos do *ultimatum* inglês, do 31 de janeiro, do assassinio de Sadi-Carnot, da guerra civil brasileira, dos centenários da Índia e de Santo António, da questão jesuítica, das visitas de Afonso XIII, Eduardo VII e Guilherme II, das guerras do Transvaal, hispano-americana e russo-japonêsa, do regicídio, da proclamação da república, etc.



FIG. 33 — DA «REPRESENTAÇÃO PARA QUE A RÉ MARIA JOSÉ NÃO VÁ MORRER NA FORÇA»

(2) Quarenta quadras assinadas por Santos Florista. Vê-se que o autor, tingindo a côres berrantes as fôlhas e flôres da gravura, reclamou bem o seu officio.

(3) Fôlha volante, com quatro quadras glosadas em décimas.

## GRAVURA POPULAR PORTUGUESA

do drama: o assassínio do marido enquanto dormia. Note-se a preocupação do artista em dar ao rosto da homicida um tom de ferocidade, em desacôrdo com o poeta, que, numa das décimas, diz ser ela «mulher das mais bellas». No terceiro quadro, tres personagens, uma mulher e dois homens, tomam uma refeição, abancados a uma mesa, dentro duma casa aldean. A mulher tem o aspecto de quem ouve atentamente o que um dos homens refere, porventura a narrativa do crime (1). A moderna gravura plebeia tem, sôbre a antiga, a vantagem de ser mais realista, posto que a última, em muitos casos, a supere no cuidado da execução.

Descreverei agora uma curiosa fôlha volante que me foi comunicada pelo meu bom amigo e erudito escritor dr. Manuel de Sousa Pinto. E' a *Representação de algumas pessoas para que a ré Maria José, não vá morrer na Forca como foi sentenciada e para que soffra outro castigo ainda mais cruel á vista do seu crime*. Reporta-se este rarissimo documento a um crime que vivamente impressionou a Lisboa de 1848. «Maria José, diz a fôlha, solteira, de 30 annos de idade, vivendo, desde que nasceu, na companhia de Mathilde do Rozario, sua mãe, atreveu-se a assassina-la [e] esquarteja-la, e expôr no meio das ruas os membros mutilados daquella que nas entranhas a nutriu e sustentou em seus verdes annos» (2). Ocupando todo o alto da fôlha, á laia de *en-tête* (fig. 33), veem-se dispostos em linha: o carrasco, levando na mão um cêsto; um sacerdote, de batina e barrete eclesiástico, confortando a condenada; esta, sentada numa cadeira de alto espaldar (impotência do artista para representar a cadeirinha?), de alva vestida, e mãos cruzadas (mas não atadas) no regaço; o irmão da Misericórdia conduzindo o seu pendão; e finalmente outro irmão agitando a campainha. A seguir, a fôrca, — um triangulo sôbre tres postes, e uma escada encostada.

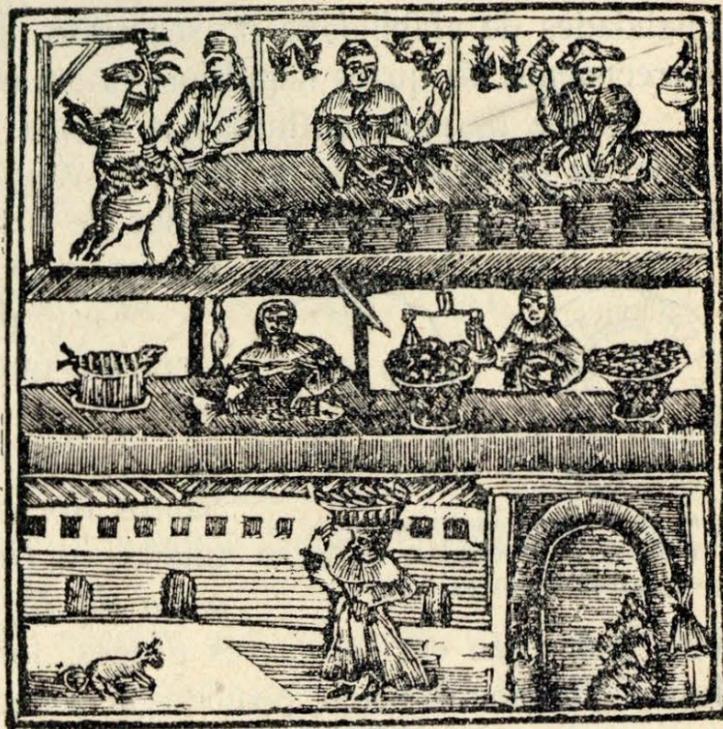


FIG. 26 — DAS «ALEGRES FESTAS DADAS POR THOMAZ PINTO BRANDAM»

(Continúa.)

M. CARDOSO MARTHA.

(1) Ambas estas fôlhas que descrevo são impressas em Lisboa; mas conheço e possuo vários outros folhetos e fôlhas volantes saídas de prélos provincianos. Mesmo as edições de Lisboa são, no geral, encomendas da provincia.

(2) Inspirado neste crime, escreveu Camilo, então obscuro, um folheto anónimo, de cordel, que saiu com vários títulos nas várias edições que a popularidade lhe grangeou. O titulo da 1.<sup>a</sup> é *Maria! não me mates, que sou tua mãe! Meditação sobre o espantoso crime acontecido em Lisboa; uma filha que mata e despedaça sua mãe — Mandada imprimir por um mendigo, que foi lançado fora do seu convento, e anda pedindo esmola pelas portas. Offerecida aos paes de familias e áquelles que acreditam em Deus*. Porto, 1848. E' possível que Camilo, então bastante leve de bolsa, tivesse fornecido os vendilhões ambulantes, negociando com êles as edições que do folheto fez.

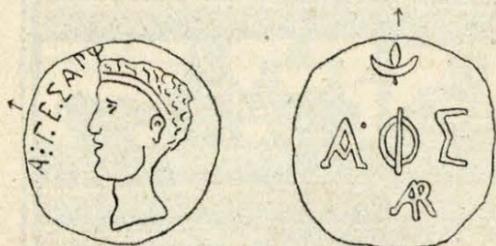
Esquecia-me dizer que, na 3.<sup>a</sup> edição do *Maria, não me mates*, vem uma pequena xilogravura representando a criminosa.

## HISTORIA DUM FALSO

NÃO são felizmente até hoje muito vulgares os falsos na arqueologia portuguesa e por isso mesmo parece-me interessante fazer a historia dum, cuja noticia chegou além fronteiras, ao qual já fiz ligeira referencia noutro escrito (1).

O falecido arqueologo figueirense, dr. Santos Rocha, fundador do Museu Municipal da Figueira da Foz, conseguiu reunir em volta de si, pelo prestigio científico do seu nome brilhante entre os maiores trabalhadores portugueses no campo da arqueologia e pelas raras qualidades de afabilidade no seu trato, um pequeno escol de pessoas ilustradas e de certo merecimento, ás quaes impulsionava em estudos de arqueologia e etnografia (2).

Entre os mais entusiastas destes investigadores destacava-se o professor primario official da pitoresca villa de Buarcos, Augusto Goltz de Carvalho, tambem já falecido, pessoa inteligente, muito dada a estudos de historia natural, tendo feito algumas excavações em Buarcos e explorado dolmens na Serra do Cabo Mondego.



O FALSO, REPRESENTADO EM METADE DO TAMANHO NATURAL (SEGUNDO UM CROQUIS DO AUTOR). ESPESSURA, 0,009.

Certo dia, foi Goltz procurado por um pescador seu conterraneo, que lhe ia levar uma pedra gravada que, dizia elle, tinha encontrado na praia. Enthusiasmou-se Goltz com o achado, e delle fez uma communicação á Sociedade Arqueologica Santos Rocha, em sessão plenaria de 6 d'abril de 1899, intitulada: — *Um monumento da gliptica grega encontrado na praia da Figueira*. Ao mesmo tempo, como havia no objecto

uma inscripção em caracteres gregos, foi delle enviada uma reprodução em gesso ao professor Salomon Reinach, pedindo-lhe a decifração da mesma. Recusou-se o sr. Reinach, como é natural, a responder á consulta, justamente melindrado, por recear que houvesse a intenção de o mistificar grosseiramente a elle, e, muito instado pela resposta, ella chegou nestes termos, mas subscripta pelo snr. H. Hubert, conservador adjunto do Museu de Saint-Germain-en-Laye:

Monsieur :

«Monsieur Reinach a revu de très près votre petit monument. Il est impossible que ce ne soit pas «un faux, quelle que soit d'ailleurs la date de ce faux : c'est même l'œuvre d'un très grossier faussaire, «sans aucune connaissance, sans aucune habilité. Il a voulu écrire le nom de César. En grec César s'écrit «KAΙΣΑΡ, mais jamais ΓΕΣΑΡ. C'est surtout le Γ qui est un comble ! J'appelle aussi votre attention sur «Α. ΓΕΣΑΡ. Tout cela est invraisemblable. L'R romain du revers joint a des lettres grecques est également bien bizarre. Je partage entièrement l'avis de M. Reinach. Que le faux soit de date assez ancienne, «je le croirais volontiers. Cela expliquerait les circonstances de sa decouverte.

Croyez, Monsieur, je vous prie, à mes meilleurs sentiments.

H. Hubert (3).

(1) *Museu Etnologico Português. Contestação e replica ao folheto intitulado: «Defensão do Museu Etnologico português contra as arguições que um Sr. Deputado lhe fez no Parlamento»*. Coimbra, 1914, p. 8.

(2) Os trabalhos deste grupo, que constituiu a *Sociedade Arqueologica Santos Rocha*, estão publicados na *Portvgalia*, I, 131-146; 333-359; 561-605 e 811-825, e no *Boletim da Sociedade*, de que saíram 10 numeros, Figueira da Foz, 1904-1909.

(3) O original desta carta está no arquivo da *Sociedade Arqueologica Santos Rocha*, no Museu Municipal da Figueira; a copia foi-me fornecida pelo snr. M. Cardoso Martha.

## HISTORIA DUM FALSO

Não foi necessario, para estabelecer a falsidade do pretenso monumento da *gliptica grega*, o mais ligeiro exame á technica e ao estylo do objecto: tão singelas considerações epigraficas bastaram para o reduzir ao seu justo valor.

Averiguações posteriores vieram a descobrir o autor da grosseira mistificação, certo brochante vizinho de Goltz, que lhe quiz pôr á prova o saber archeologico, abusando da sua ingenua boa fé! Não ha nesta narrativa o mais ligeiro intuito de afrontar, por pouco que seja, a memoria, para mim sagrada e digna do maior respeito, das pessoas, aliás muito cultas e respeitaveis, que, mau grado seu, intervieram neste caso: os maiores archeologos em todos os tempos e em todos os países teem sido victimas de falsarios.

Lisboa, 31 de dezembro de 1917.

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.



### A SECÇÃO ETNOGRAFICA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS

Tendo o sr. D. Sebastião Pessanha, proprietario desta revista, apresentado, em sessão de Assembleia Geral da Ass. dos Archeologos de 8 de novembro de 1916, uma proposta em que se alvitrava — 1.º) a criação de uma «secção de ethnographia», funcionando como as demais secções da Associação; 2.º) a organização de uma sala ethnografica no Museu da Associação, como valioso complemento das suas coleções archeologicas —, e sendo essa proposta admitida e aprovada nessa mesma sessão, começou, pouco depois, a funcionar no historico edificio do Carmo, esse novo nucleo de investigações folkloricas.

A sessão de instalação, realisada em 19 de Dezembro de 1916, foi presidida pelo Presidente de Direcção, sr. D. José Pessanha, que se referiu largamente ao desenvolvimento e importancia dos estudos ethnograficos. Nessa mesma sessão, o sr. Matos Sequeira ocupou-se das valiosas informações de ethnografia lisboeta que se colhem, a cada passo, na «Comedia Ulisipo», de J. F. de Vasconcellos (sec. XVI); o sr. dr. Vergilio Correia falou da moderna orientação dos estudos ethnograficos; e o sr. Alfredo Guimarães leu algumas scenas inéditas dos *cêrcos* minhotos. O sr. D. Sebastião Pessanha propôs depois, que a Secção saudasse a memoria de Rocha Peixoto, que foi o nosso maior ethnografo.

Na sessão de 9 de Janeiro de 1917, o sr. D. Sebastião Pessanha apresentou uma tentativa de divisão ethnografica do Minho serrano, e descreveu a sua viagem ao Lindoso.

Na sessão de 15 de Janeiro, o mesmo senhor ocupou-se de varios costumes do Baixo-Alentejo que se ligam com as barrélas, e o casamento; o sr. J. Queiroz, referiu-se a orações que os lagareiros de azeite dizem ao entrar para o trabalho, e da ornamentação e datas das varas dos mesmos lagares. O sr. dr. Vergilio Correia, relaciona, com este assunto, o folheto de Vieira Natividade — *Note ethnographique sur les chiffres usées dans les pressoirs d'olives, dans l'arrondissement d'Alcobaça*. O sr. D. Sebastião Pessanha, volta ainda a falar das chaminés de Lindoso, de tipo muitíssimo primitivo.

As eleições para cargos da secção, deram o seguinte resultado: presidente efetivo: dr. Vergilio Correia; vice-presidente: D. Sebastião Pessanha; secretario: Alfredo Guimarães. Para presidente honorario foi votado o dr. J. Leite de Vasconcelos.

## NOTAS

### ARTE RUSTICA DE EVORAMONTE (ALENTEJO)

Depois do envio dos desenhos publicados a pags. 154 do vol. I da *Terra Portuguesa*, diligenciámos encontrar mais exemplares de arte rustica, produzidos nesta região. Soubemos então que José Serra, já falecido, irmão do nosso querido velhinho Manuel Serra, fôra também bom artista rural, tendo fabricado muito objetos de merecimento, dentre os quaes conseguimos vêr e admirar as colhéres de que damos hoje os desenhos.

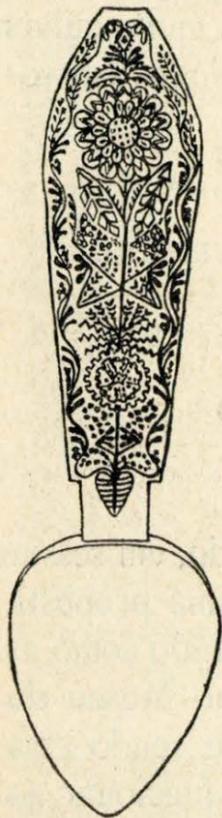


FIG. 1 — COLHER BORDADA DE EVORAMONTE

A fig. 1.<sup>a</sup> representa uma colher de madeira de buxo, vista de frente. Toda a variada e frondosa ornamentação de que o seu cabo está coberto, nasce de um vaso em forma de coração.

A fig. 2 reproduz em metade do seu tamanho, e como o desenho bem indica, um feixe de quatro colhéres, também de buxo, enfeitadas com ramos de flores saídos de vasos muito simples. A argola e as quatro colhéres foram fabricadas de um só pedaço de madeira, a exemplo da tabaqueira dada á estampa a pag. 157 do vol. I desta revista.

Cada grupo de duas colhéres apresenta ornatos iguaes.

Estas colhéres não foram, evidentemente, destinadas a servir, ao contrario de outros exemplares de arte rustica da região, como o cópo de Manuel Serra (artigo citado), a tabaqueira, ou a colher da fig. 1, certamente destinada ao precioso arroz dôce alentejano, certo em todas as festas.

Cortou-as e enfeitou-as José Serra por simples passatempo, em confronto, talvez, de imaginação e de trabalho com seu irmão.

Quanto esforço neste feixe de colhéres, quantas tentativas frustadas antes que o humilde artista pudesse apresentar á rôda dos amigos, a sua nova obra!

Era José Serra, como seu irmão Manuel, de origem modesta, simples trabalhador rural, que só nos momentos de descanso podia entregar-se á sua habilidade. Esta circunstancia, e a de nenhum dos dois irmãos ter a mais leve noção de desenho ensinado, fazem-me olhar com respeito para as singelas obras de arte rustica que ambos deixaram espalhadas pela sua terra.

A todos que me ajudaram a coordenar e que, com os seus desenhos, facilitaram a publicação destas notas, os meus agradecimentos.

Evoramonte, XI de 1916.

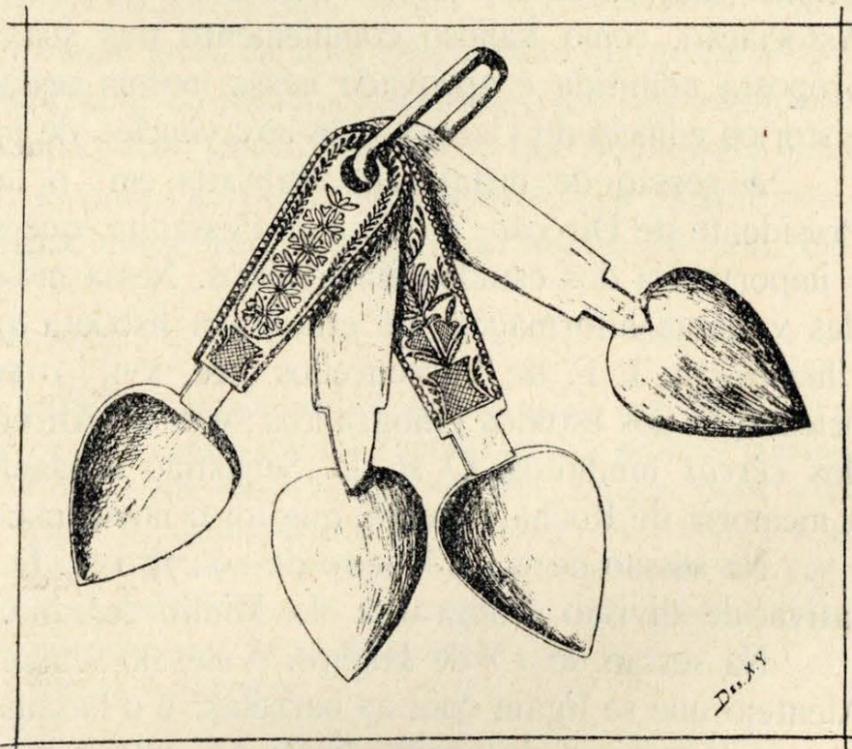


FIG. 2. — COLHERES TALHADAS NO MESMO PEDAÇO DE MADEIRA

A. M. DO C.

## GRAVURAS DO «DOLMEN» DA PEDRA DOS MOUROS (BELAS)

Dentro do grupo dolmenico que existe nos arredores de Lisboa, entre Queluz e a Aqualva, a anta de maiores dimensões é, sem duvida, a que fica no alto da Quinta do Senhor da Serra, de Belas.

Conhece-a bem o povinho lisboeta, que vae lá, anualmente, deixar-se escorregar pela sua grande pedra inclinada (1); conhece-a tambem, razoavelmente, o autor desta nota, porque durante largos anos viveu perto dela e da sua companheira do Montabrão, que é ainda propriedade de sua familia. Foi até esta visinhança, diga-se de passagem, que decidiu da sua vocação para esta interessante, quanto hostil — não pelas pobres pedras — sciencia preistórica.

Neste dolmen (fig. 1), que Carlos Ribeiro, seguindo a tradição local, denominou de «Pedra dos Mouros», existem umas gravurasinhas que podem, perfeitamente, considerár-se preistóricas. São as que vão representadas, reduzidas, na fig. 2.

Sobre a parte exterior do esteio mais largo da anta, o do tópo, que tem fóra da terra, obliquamente, uns 4<sup>m</sup>,50 de comprimento, encontram-se, a 1<sup>m</sup>,37 do solo actual, dois desenhos muito simples, e que representam, o da esquerda, uma cruz, e o da direita uma figura de homem, rudimentarmente reduzida, a cabeça indicada por um traço horisontal, os dedos das mãos, enormes e irregulares (Fig. 2). Por baixo do braço direito da figura divisa-se nitidamente uma haste rectilinea, a modo de bordão ou cabo de arma.

Os sulcos do desenho, cuja fundura maxima será de uns 0<sup>m</sup>,006, estão patinados e revestidos de vegetações parasitarias, semelhantes ás que forram todas as outras irregularidades da pedra. As gravuras são, portanto, de remota origem.

Trata-se de um mero divertimento pastoril, embora o pastor que o lavrasse tivesse já desaparecido ha seculos ou ha milénios, ou de uma nova manifestação de arte rupestre peninsular? Inclino-me para esta ultima hipotese. O facto de nos outros dolmens do grupo não apa-



FIG. 1. — O QUE RESTA DO «DOLMEN» DA QUINTA DO SENHOR DA SERRA, DE BELLAS

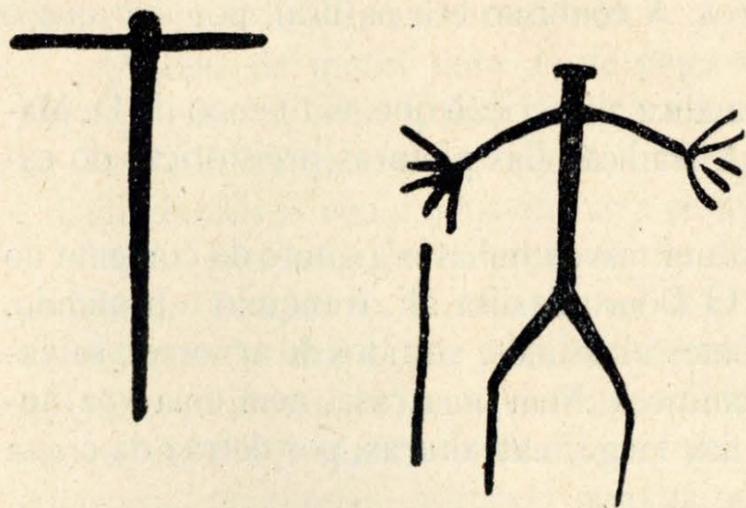


FIG. 2. — GRAVURAS DO ESTEIO MAIS LARGO

(1) V. Correia — *As Antas*, na *Ilust. Portug.* de 17 de Março de 1913, pag. 350 a 352. Segundo o Dr. Marcel Baudouin, estas *glissades* são ainda sobrevivencias de arreigadas e longevas costumeiras ante-istóricas.

recerem, também, petroglifos, pode justificar-se pela natureza do calcareo, nesta enorme lage do esteio mais brando que nos outros esteios e *capêlos* de anta.

As dimensões das duas figuras, são: da cruz — alt. 0<sup>m</sup>,17, largura de braços, 0<sup>m</sup>,11; do homem — alt. 0<sup>m</sup>,17, largura de braços 0<sup>m</sup>,15.

Admitida a antiguidade das gravuras, a sua situação na anta conduz-nos a duas hipóteses: ou os petroglifos foram lavrados antes do envolvimento preistórico, pela sua mamôa, ou essa mamôa nunca existiu.

Que representam, finalmente, os dois desenhos? Segundo os mais recentes estudos de estilização primitiva, dos srs. Breuil, Obermaier, Pacheco e Cabré, a cruz significará a figura feminina, o homem, claro está, a masculina.

Temos então duas divindades neolíticas protegendo o jazigo de toda uma geração de ilustres guerreiros da pedra polida e do eometalico?

V. C.

### A PROPOSITO DA «ARTE RUPESTRE GALLEGO Y PORTUGUÉS» DO SR. JUAN CABRÉ AGUILÓ

Desejando averiguar do estado em que se encontrariam as pinturas do Cachão da Rapa, a que havia dedicado, pouco antes, um artigo, dei-me este verão passado, em Setembro, o prazer de uma visita ao celebrado monumento preistórico.

O melhor caminho, para quem pretender realizar essa visita, é sair na estação do Tua e seguir depois, linha fóra, até ao tunel da Rapa, dois quilometros distante. O tunel atravessa mesmo os rochedos do cachão.

A existencia de dois *cachões*, dos quaes um perdeu a donominação generica, fez com que Vila Maior, Amilcar de Sousa, e outros, confundissem o cachão da Rapa com o da Valeira, que dista do primeiro uns quatro kilometros. A confusão era natural, por isso que o da Valeira herdou as *letras* do da Rapa.

Quando se inquire das *letras*, toda a gente indica a inscrição que, em tempo de D. Maria I, se mandou gravar no cachão da Valeira. A tradição das pinturas preistóricas do cachão da Rapa, extinguiu-se por completo. . .

A paisagem onde o cachão se encrava como um marco miliario gigante da corrente do rio, é terrivelmente bela, confrangedôra, quasi. O Douro deslisa ali, tranquilo e profundo, como um caudal de cobre sujo e oleoso, entre montes altissimos, vestidos de arvoredos selvagem, salpicado de grossos dôrsos de rochedos graniticos. Nem uma casa, nem uma voz humana, quasi que nem um grito de ave. Linhares fica longe, nas alturas, por detraz da crista do monte agudo e infesto, a cuja base o cachão se agarra.

Eis-me sosinho deante do fraguado temeroso, do amontoado convulso de blócos enormes que dominam a corrente e que o tunel teve de furar e de desconjuntar, em parte. Durante duas horas, de binoculo em punho, olhei, mirei, remirei cada penedo do grande morro, tentando divisar vestigios das pinturas. Nada vi. Pelos altos, a rocha, fendilhada e recortada quasi regularmente, em reticulado, dava-me, de ora em vez, assomos de alegria, a breve extintos. Uma vegetação parasitaria cobriu de verde-claro e azul-palido parte da rocha. Cá mais pelos baixos, a propria pedra apresenta manchas avermelhadas. Tudo isto enganava, fazia persistir na busca, obstinadamente. Sempre, porem, em vão.

## NOTAS

Num córte do rochedo, avistei, bastante alto, uma abertura. Por um caminho onde, se um pé falhasse, nada nos deteria no deslizar para o rio, sobre blócos escorregadios, de entre cujas frinchas surdiam, a cada passo, arbustos espinhosos, tentei a escalada até lá. A vegetação, porem, impediu-me a entrada do que julgo ser o boqueirão de uma galeria subterranea.

Será esta a gruta de que resam os autores setecentistas, em cuja entrada os audaciosos eram maltratados, sem saber de quem? E' provavel. Diga-se, contudo, em boa verdade, que eu, antes de lá chegar, já estava maltratado e contundido. O proprio rochedo se defende a si mesmo. . .

Se eu vi bem — fiz tudo o possivel para isso — as pinturas já não existem. Como parte do cachão foi cortado quando da construção do caminho de ferro, é natural que desaparecessem. Que valiosissimo documento de arte preistórica não se perdeu assim!

Tudo isto me ocorre a proposito da incerteza em que, sobre a existencia actual das pinturas do cachão da Rapa, se mantem o sr. Juan Cabré, autor de um recente e interessante trabalho sobre arte rupestre galega e portuguesa.

O sr. Cabré, escrevendo o seu trabalho, prestou um bom serviço á nossa arqueologia, que, falta de incentivos officaes e particulares, definha miseravelmente. A sua obra, estabelecendo uma ligação intima e directa entre monumentos de arte preistórica galegos e portugueses, veio lembrar-nos que o nosso mundo archeologico não termina com as fronteiras, mas se liga e consubstancia com uma parte importantissima do mundo archeologico hispanhol. Honra lhe seja, pois!

Algumas observações terei, porem, que fazer ao livro. Ninguém m'as levará a mal, creio-o bem.

Apesar da minha nota 4, de pag. 119 do vol. I da *Terra Portuguesa* (1), o sr. Cabré perfilha a opinião expressa por Leite de Vasconcellos (2) de que o desenho das pinturas, dado por Possidonio da Silva, não é mais que uma copia da gravura de Debrie.

Ora isto não deve deixar-se passar sem reparo. Se o sr. Cabré tivesse examinado o artigo de Possidonio, publicado no *Bol. da Ass. dos Archeologos* (1886, pag. 78), logo veria como a chapa por elle apresentada não podia, de modo algum, ser copiada da do gravador setecentista, mas sim representava o estado das pinturas no seu tempo. Efectivamente, esses desenhos apenas diferem dos publicados em 1897 por Leite de Vasconcellos em trazerem, pontuadas, algumas reconstituições, que Possidonio entendia se poderiam fazer.

Por conseguinte, Possidonio da Silva foi quem, modernamente, deu primeiro a reprodução das pinturas, no estado em que se achavam antes da sua destruição. E admira que nas *Religiões da Lusitania* (vol. I) se inserisse opinião contraria a esta. Pois se o proprio Possidonio diz, no artigo, que partiu para o Porto e que desenhou as pinturas! Infelizmente,

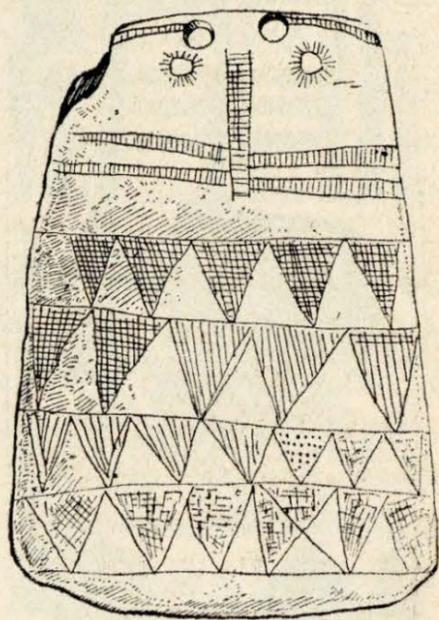


FIG. 1—IDOLO-PLACA DO CONCELHO DE MERTOLA, PUBLICADO NOS «IDOLOS PREISTÓRICOS TATUADOS, DE PORTUGAL», E NA «ARTE RUPESTRE», DO SR. J. CABRÉ

(1) *Pinturas rupestres descobertas em Portugal no sec. XVIII*, pag. 116-119.

(2) J. Cabré. *Arte rupestre gallega y portugués*. Lisboa, 1916, pag. 9.

## NOTAS

o illustre fundador da Associação dos Arqueólogos faleceu um ano antes da publicação do 1.º vol. das sobreditas *Religiões*. Não pôde, por conseguinte, fazer a devida aclaração.

Outro ponto em que o sr. Cabré se equivocou lamentavelmente, é na atribuição das placas de schisto n.º 5 e 6, da fig. 5 (pag. 19), do seu livro.

Na revista portuense *A Águia*, publiquei eu, em junho de 1915, num artigo intitulado: *Idolos preistóricos tatuados de Portugal*, duas placas de schisto, que haviam sido oferecidas ao Museu Etnologico e que ahi estavam expostas havia alguns anos. Desenhou-as o meu amigo e director artistico desta revista, o sr. Alberto Sousa.

Na *Historia do Museu Etnologico*, posta a correr só em meados de 1916, veem reproduzidas as mesmas duas placas, escolhidas, caso curioso, entre dezenas e dezenas de outras que o Museu possui. O desenho, porem, feito pelo desenhador do museu, difere bastante do que eu reproduzi nos *Idolos*. Esta *Historia do Museu* traz a data, atrasada, de 1915.

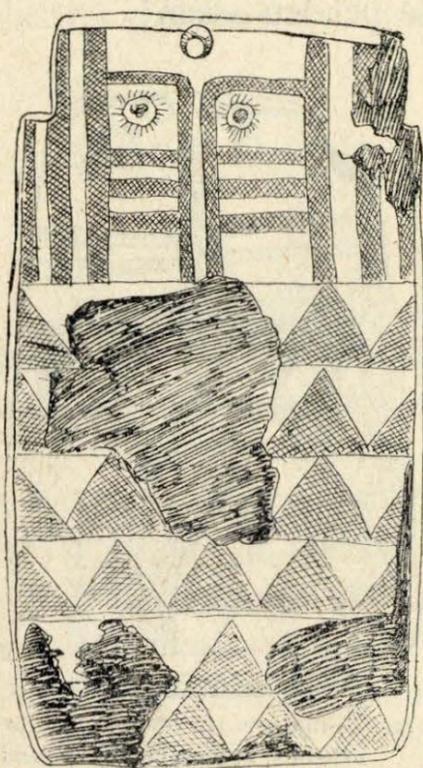


FIG. 2—IDOLO—PLACA DO C. DE PONTE DE SÔR, PUBLICADO COM O ANTERIOR

Que acontece? O sr. Cabré publica os desenhos que veem no meu trabalho e atribui-os á obra de Leite de Vasconcelos, caso tanto mais para admirar quanto, todos o reconhecem, o conhecido preistoriador hespanhol é tambem um artista muito distinto.

Enganou-se o sr. Cabré, ou foi enganado? E, se foi enganado, por quem o seria?

Embora me preocupem pouco as questões de prioridade, julgo-me no direito de apontar este caso anormal de se atribuirem os desenhos de um trabalho meu a um outro trabalho, publicado posteriormente. Para evitar, de futuro, erros semelhantes no mesmo assunto, volto a reproduzir as duas placas. Com a larga difusão da *Terra Portuguesa* asseguro-lhes o respeito a que têm absolutamente direito (1).

Propriamente sobre opiniões do sr. Cabré, apesar de todo o respeito que me merece quem é mais competente do que eu, não posso deixar de discordar da sua atribuição de pag. 23, e da fig. 6.

E' muito possivel que as pinturas não sejam, como eu julgava, uma consagração ao rio Douro. Mas uma dansa cerimoniosa de mulheres vestidas, em volta de um homem nú, tambem não me parece que elas possam representar.

Apesar destas imperfeições, o trabalho do sr. Cabré é digno de louvor. E' tateando, arrepiando caminho, por vezes, que se alcança a Verdade.

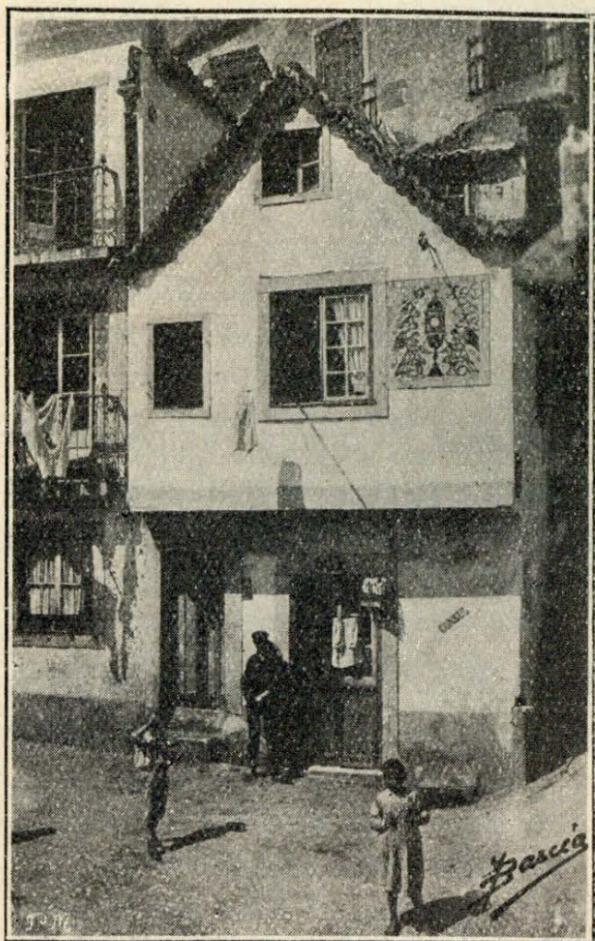
V. C.

(1) Ha coincidencias verdadeiramente extraordinarias. Senão veja-se: No n.º 50 da revista *A Águia* (Fevereiro de 1916), vem anunciado, como estando do prélo para a Biblioteca da *Renascença Portuguesa*, o meu ultimo livro: *Etnografia Artistica*.

Pois bem. No n.º 16 da *Alma Nova* (Abril de 1916), publicou o sr. Leite de Vasconcelos, sob o mesmo titulo geral de *Etnografia artistica*, um artigo de 3 pags. sobre etnografia alentejana, de que foi tirada *separata* e esta profusamente espalhada pelas livrarias.

Coincidencia, mera coincidencia de titulos, decerto, de que ninguem é culpado. Eu, porem, é que não desejo deixar passar sem reparo este facto, — não vão, no futuro, alguns biografos apressados dizer que plagiei o titulo de um trabalho do Sr. L. de V.

## PROTECÇÃO ÁS VELHAS CASAS TÍPICAS DE LISBOA



CASA DA RUA DOS CEGOS

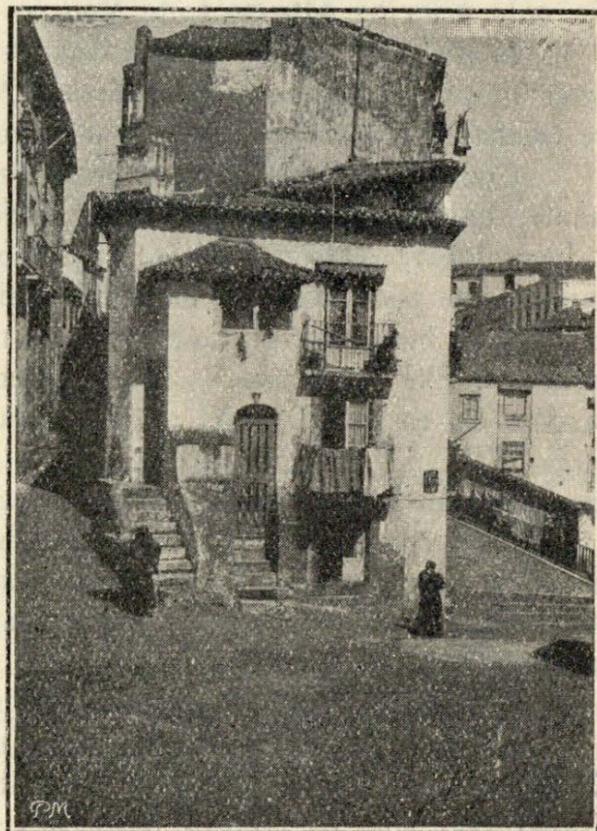
O facto, ha tempo revelado por uma carta dirigida ao *Diario de Noticias*, de haver o proprietario de uma velha casa typica da Rua dos Cegos, em Lisboa, vendido um registo seiscentista de azulejos, que, por assim dizer, fazia parte integrante dessa vetusta edificação e contribuia para a valorizar sob o ponto-de-vista archeologico — veio, mais uma vez, provar quanto é sensata a disposição do art. 45.º do decreto-lei de 26 de maio de 1911, segundo a qual devem ser objecto de um inventario especial, ficando á guarda da Commissão de Monumentos da respectiva área, certas construcções, que, sem terem caracter monumental, se recommendam, no entanto, pela sua feição typica, pelo seu aspecto pittoresco, pela documentação, que offerecem, de fôrmas architectonicas ou decorativas de outros tempos.

Infelizmente, porém, nesse, como em todos, ou quasi todos, os outros pontos, a lei não tem dado, na pratica, o resultado que o legislador queria e esperava alcançar, — não obstante a modelar dedicação, o carinhoso desvelo, a incansavel tenacidade, quer dessas

corporações officiaes, — a que nem sempre se tem feito justiça, — quer de collectividades de natureza não official, ás quaes o assumpto particularmente interessa, como a benemerita *Associação dos Archeologos Portugueses*.

E' necessario que os poderes publicos se convençam de que, enquanto os monumentos nacionaes não forem entregues, no Ministerio do Fomento, ou, o que seria mais racional, no Ministerio da Instrucção, a uma direcção composta de technicos especializados, junto da qual funcione um conselho de artistas e de eruditos, e que, ramificando-se, exerça, em todas as regiões do país, uma acção directa e rápida, não poderá obstar-se efficaçmente á lastimosa e progressiva depreciação do nosso thesouro monumental.

Para ella hão de continuar a concorrer o abandono, que, em muitos casos, provém da falta de um inventario completo dos nossos monumentos; a providencia tardia, que resulta do nosso complicado e moroso organismo administrativo e burocratico; a intervenção incompetente, que deriva da carencia de especialização por parte da maioria dos funcionarios a quem os edificios nacionaes, — indistinctamente, — se acham entregues.



CASA DO LARGO DE SANTO ANDRÉ

## NOTAS

Convençam-se disto os poderes publicos, e intervenham, — sem demora e de uma fôrma sensata, prática e desassombrada, — para que nem tudo se perca e não possa dizer-se que não merecemos a riqueza monumental que ainda possuímos.

R. D.



## CRONICA

### CASA PORTUGUESA

O sr. J. C. Ferreira, — que se declara estudante de medicina, — dirigiu, ha pouco, ao nosso illustre collaborador sr. D. José Pessanha uma interessante carta, na qual, depois de accentuar as difficuldades com que luctam aquelles que, nas construcções hodiernas, pretendem fazer resurgir a *casa portuguesa*, alvitra que, nesta revista, seja aberta uma secção, dedicada ao estudo dêsse problema.

De bom grado pômos as paginas da *Terra Portuguesa* á disposição dos ethnographos, artistas e eruditos, que alguns elementos, — descriptivos ou graphicos, — porventura possam trazer-nos para a sua elucidação.

### LIVROS

*El Hombre Fósil*, por Hugo Obermaier (Madrid-1916). — Enviado pela benemerita «Comission de Investigaciones paleontologicas y preistoricas» recebemos a sua *memoria n. 9*, a mais volumosa e, decerto, a mais interessante que ella tem publicado desde a sua não muito remota fundação. O autor do livro, o Prof. H. Obermaier, é um geologo e arqueologo de renome europeu, que, em companhia do não menos illustre Prof. H. Breuil, faz parte do «Instituto de Paleontologia Humana», fundado, em Paris, pelo principe Alberto I, de Monaco.

Muito, muitissimo, haveria que referir de *El Hombre Fósil*, se o espaço de que dispomos e o carater desta revista no-lo permitissem. Não podemos, porem, deixar de accentuar que, depois do *Manual de Déchelette*, é a obra de mais utilidade para os arqueologos, que se tem publicado na Europa.

Cousa rara em trabalhos deste genero: — o autor propoz-se escrever um livro em que, didaticamente, englobasse todos os dados modernos respeitantes e necesarios ao conhecimento da Geologia, Paleontologia, Antropologia e Arqueologia quaternarias. E conseguiu-o cabalmente. Pelos titulos dos capitulos se pôde verificar melhor a importancia do trabalho. Ei-los:

I. O homem terciario e a questão dos eolitos. — II. Epoca quaternaria: Geologia. — III. Epoca quaternaria: Flora e Fauna. — IV. O paleolitico inferior (excéto em Espanha). — V. O paleolitico superior (excéto em Espanha). — VI. A peninsula ibérica durante o periodo quaternario. — VII. A arte quaternaria. — VIII. Cronologia geologica das fases paleolicas da Europa. — IX. Paleantropologia. — X. As fases de transição do quaternario para a actualidade geologica.

O livro, provido de magnificos indices, enriquecido por uma bibliografia completissima, está destinado a ficar durante longos anos nas estantes dos prehistoriadores, como um elemento de consulta, indispensavel e continuada. A parte que respeita a Portugal é igualmente completa e lisongeira para o nosso modesto peculio arqueologico.

O livro tem 397 pags, 122 gravuras e 19 laminas em «couché» especial.

*La lucha entre el hombre y los espíritus malos por la posesion de la tierra y su usufructo*, por E. Frankowski (Madrid-1916). — O illustre cultor dos estudos ethnograficos ibericos, sr. Eugenio de Frankowski, que os leitores desta Revista já conhecem, acaba de publicar mais um dos seus interessantes «Estudios Etnologicos».

## CRONICA

Partindo do principio de que «como la tierra conserva los remotos restos del hombre y de su cultura, el saber popular guarda las reliquias de sus creencias», o conhecido etnografo polaco, aproveitando dados colhidos, quer pessoalmente, através da Espanha, quer nos autores portugueses e espanhoes, dá-nos um novo, valioso, trabalho sobre Folk-lore.

Desde tempos imemoriaes ficou ao homem a ideia de que a posse da terra e o seu usufruto eram sempre tolhidos e embaraçados pelos máus espiritos, a quem era necessario conjurar violentamente, ou sacrificar com humildade. Esses sacrificios e esconjuros conservam-se, com toda a sua importancia, entre os povos selvagens e ainda, embora muito atenuados, entre os povos europeos. O sr. de Frankowski demonstra-o cabalmente. No trabalho encontram-se algumas referencias a cousas portuguezas.

*Depois do Terremoto, vol. I*, por Gustavo de Matos Sequeira (Lisboa-1916). — Entre os que, modernamente, se dedicam, entre nós, aos estudos de investigação historica, Matos Sequeira, que, de ha muito vinha documentando, em artigos e em comunicações scientificas, o seu alto valor e faculdades de trabalho, veio ocupar, com o vol. I do seu livro *Depois do Terremoto*, um lugar primacial.

Conjugam-se, no seu trabalho, a profunda erudição do investigador com a facilidade e a naturalidade do modo de escrever. Matos Sequeira, a mais que o vulgar erudito, possui raras faculdades de prosador, equilibrado e correcto.

Do valor do seu livro disse suficientemente a critica dos jornaes para que eu o volte a repetir. Nas suas 518 paginas, toda a larga, minuciosa, documentada historia da corôa do monte onde hoje assentam o jardim da Patriarcal, a Politecnica e a Imprensa Nacional, surge, perante nós, nas suas modalidades primitivas. Lentamente, assistimos á transformação das hortas e terras arrabaldinas em pequenos agrupados urbanos, que, a pouco e pouco, bracejam e se completam. Veem os cataclismos, fogos ou terremotos destruir os edificios; outros se erguem em seu lugar, preenchem as vagas dos que faltam á chamada, em cada ciclo historico.

Nada mais atraente, para quem, como nós, vive, em parte, da lembrança do passado e sob o dominio do seu encanto...

Felicitemos cordealmente o nosso presado amigo e colaborador.

*Livro de Saudades*, por Alfredo Guimarães (Lisboa-1916). — Alfredo Guimarães, um prosador cheio de talento, entusiasta e moço, que pelos viçosos campos da Etnografia busca, com felicidade, motivos ineditos de arte e literatura, é tambem um poeta delicado, cheio de ternura e bucolismo, a quem o patrio e verde Minho banhou por completo da naturalidade e da frescura da Terra.

No cento de quadras que constituem o seu *Livro de Saudades*, surgem, a cada instante, esses paineisi nhos frageis, que parece não significarem nada e dizem tudo em quatro versos—a paisagem, a região, a vida:

Ó ponte do rio Neiva  
Água a cantar! Verde cana!  
Meu amôr leva um cestinho  
para a feira de Viana!

Na Senhora do Sameiro  
havia *arcos* em barda.  
Tomei signal ao mais alto  
que o casamento não tarda.

E, como estes, dezenas de outros, igualmente simples e evocadôres...

A edição tem apresentação invulgar e foi graciosamente ilustrada por Alberto Sousa.

*Chave Dourada*, por Manoel da Silva Gaio. — O sr. dr. Manuel da Silva Gaio, da Academia das Sciencias, herdeiro de um brilhante nome literario, ele proprio tão delicado poeta como consagrado prosador, acaba de publicar a sua *Chave Dourada*, poema epico em que, com a evocação de passadas grandezas, se mostra ás gerações novas o caminho a seguir. No livro encontramos, frequentes vezes, um sabôr quinhentista de versos e de toadas que o tornam de aprazível leitura.

Felicitando o autor, agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

*Mulheres de Portugal*, por Luiz Gomes (Portalegre-1916). — A historia dramatica em 2 quadros com que o sr. Luiz Gomes (Luso) faz a sua estreia teatral, é um episodio rapido, brilhante, regional e patriotico, que muito honra as suas faculdades de trabalho. Por isso o felicitamos.

E' deveras interessante, na peça, a descrição dos tipicos personagens e dos seus caracteristicos trajos, e a da cosinha do *monte* do Alto-Alentejo onde se desenrola a acção.

## CRONICA

«*Ethnographia Artistica*» por Vergilio Correia (Porto 1916). — N'um elegante volume editado pela «Renascença Portuguesa», reuniu o director litterario d'esta Revista, sr. dr. Vergilio Correia, alguns artigos já anteriormente publicados na *Rajada*, na *Aguia* e na *Terra Portuguesa*, e uma serie de «notas de ethnographia italiana», inéditas.

Assim, depois das *Alminhas*, dos *Velhos teares*, da *Arte no Sal* e de outros trabalhos sobre coisas tão nossas, tão profundamente portuguezas como é essa decoração, ingenua e amorosa, dos campos e das lançadeiras d'Almalaguez, Vergilio Correia dá-nos trechos admiraveis, como os que intitidou *Aquila degli Abruzzi*, *Ruas de Napoles*, e *Chaminés de Italia*, nos quaes o Paiz da Arte se nos revela sob um nôvo aspecto — o ethnographico.

São impressões de viagem, evocando gratas recordações que nunca esquecem, mas aos seus olhos de ethnographo distincto, habituados a verem, não escaparam os detalhes minimos — o objecto mais insignificante d'um mercado, o episodio mais simples, o traço regional mais discreto.

Na *Ethnographia Artistica*, o director da *Terra Portuguesa* é o investigador escrupuloso e o escriptor brilhante de sempre, que ainda ha pouco, nas *Rocas Enfeitadas*, se afirmou como um digno continuador da obra de Rocha Peixoto.

Muito o felicitamos pelo seu excellento livro.

S. P.

«*O Arquivo Municipal de Miranda do Corvo*», por Belisario Pimenta (Lousan — 1916). — O sr. Belisario Pimenta, distincto investigadôr, a quem o estudo dos documentos do passado absorve o tempo que lhe deixam livres as occupaões da sua carreira de militar, deu-nos, sob o titulo citado, e com o sub-titulo de *Subsidios para a historia das lutas politicas de 1820 a 1834*, um interessante trabalho de arquivo, de que resulta ficar-se conhecendo, por completo, a vida politica de um concelho visinho de Coimbra, durante o agitado periodo da nossa formação constitucional.

*Arte Romanica e Gente Lusa*. — Recebemos tambem a *Gente Lusa*, 3.<sup>a</sup> Serie, que neste numero insere um interessante artigo sobre os *Instrumentos paleolíticos dos arredôres de Lisboa*, do sr. Dr. Mendes Correa, e o 2.<sup>o</sup> fasciculo da *Arte romanica*, editado por Marques de Abreu. Esta magnifica obra, tão simpatica e digna de louvôr, deve ser acolhida com alvoroço e devoção por todos quantos se interessam pelos nossos monumentos antigos. Será, mais tarde, um vasto repositorio de material de estudo, aberto á consulta de quem deseje conhecer as belas igrejas romanicas e da transição, que, felizmente, enchem ainda o norte do país.

## EXPOSIÇÕES

Alem da da Sociedade N. de Belas Artes, em que tanto se distinguiram, Gameiro, Alberto Sousa, A. Quaresma, Vaz, Bonvalot, Romero, Montez, etc., tivemos, em fins de 1916, mais uma exposição nacional de fotografia (a primeira) dirigida pelo sr. B. dos Santos Leitão, e uma exposição de industrias regionaes, em Santiago dos Lois, no palacio Franco dos Santos. Esta, que já se realisa pela segunda vez, mostrou-nos um progresso enorme sobre a anterior, no numero e na qualidade dos artefactos regionaes expostos. Os nossos parabens ás organisadoras da Arte no Lar.

## CORRECCÕES

E' na igreja de *Santa Maria*, e não na de *S. Pedro*, em Obidos, que se encontra o bello tumulo de que nos occupámos a pag. 93.

Na pag. 49, onde se lê «jesuitas», leia-se «dominicanos», e onde se lê «emblemas da companhia», leia-se «emblemas da Inquizição».

Na pag. 155, lin. 12, onde se lê — «protagonista», leia-se — «figura».

Na mesma pag., lin. 17, onde se lê — «e dos», leia-se — «filho dos».

## SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

---

Na Administração d'esta Revista encontram-se á venda:

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$50 (quinhentos réis)** cada.

— O 1.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **1\$90 (mil e novecentos réis)** cada exemplar.

A segunda edição do n.º 1, que se achava exgotado, ao preço usual de **\$20 (duzentos réis)** cada exemplar.

Tambem nos encarregamos da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 numeros que o compõem, acompanhados da importancia de **\$70 (setecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluídos o porte do correio e a embalagem. Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

---

<i>As cangas e jugos portuguezes de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i> ).....	₭20
<i>Azulejos datados — 1.ª série</i> (com muitas illustrações), Dr. Vergilio Correia.....	₭60
<i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha.....	₭20
<i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio), por D. Sebastião Pessanha.....	₭20
<b>Etnografia artistica — Notas de etnografia portuguesa e italiana</b> , com 110 illustrações, por Vergilio Correia.....	₭80
Edição de «Renascença Portuguesa».	

### **Pedidos á Administração**

---

## EXPOSIÇÃO DE TAPETES DE ARRAIOLOS

Realisa-se no corrente mez, no Museu do Carmo, a annunciada exposição de tapetes de Arraiolos. Aparecem expostos mais de 70 tapetes, pertencentes a todas as epochas de fabrico da caracteristica industria alentejana.

